

PAULOVIK PIZZOLATTI DEBIASI

BANDA ESTRELA DO ORIENTE

“O INÍCIO, O FIM E O MEIO”

FLORIANÓPOLIS - SC

2008

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

PAULOVIK PIZZOLATTI DEBIASI

BANDA ESTRELA DO ORIENTE

“O INÍCIO, O FIM E O MEIO”

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido como requisito parcial á obtenção do título de Bacharel em Música – Habilitação em Piano pela Universidade do Estado de Santa Catarina. (UDESC).

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Sauerbronn

FLORIANÓPOLIS - SC

2008

PAULOVIK PIZZOLATTI DEBIASI

BANDA ESTRELA DO ORIENTE

“O INÍCIO, O FIM E O MEIO”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música, com habilitação em Piano, pela comissão avaliadora, composta pelos professores:

Banca examinadora:

Orientador.

Profº. Dr. Guilherme Sauerbronn
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro.

Profº. Eduardo Hector Ferraro
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro.

Profº. Dr. Marcos Tadeu Holler
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis - SC, Quatro de Julho de Dois Mil e Oito.

AGRADECIMENTO

A Deus, e a todas as pessoas e entidades que, de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

“Ao olhar para o céu e observar uma estrela, você a está vendo, mas ela não está mais lá, ou seja, pode até ter se apagado, mas sua luz continua brilhando, por isso, depois do início, é que o fim vem antes do meio”.

Paulovik Pizzolatti Debiasi.

RESUMO

Este trabalho estuda a atuação da Banda Estrela do Oriente na cidade de Orleans - SC, no período de 1912 até 1998. A pesquisa teve como objetivo principal a identificação de linguagem estilística, recuperação, registro, digitalização e análise de parte de suas composições e arranjos, assim como, fazer um resgate histórico, dos maestros e músicos que nela atuaram, buscando a sensibilização da comunidade e poder público para a reativação da Sociedade Musical Estrela do Oriente. O trabalho inicia com uma definição de banda, em seguida, investiga a história da Banda Estrela do Oriente, sua participação e contribuição no desenvolvimento cultural do município, sua presença nos mais importantes acontecimentos íncritos de Orleans e região. Em sequência, a história é consignada no período em que fui testemunha ocular, com a divulgação de dados da minha vivência na Banda, fotos e documentos da mesma provenientes de meu arquivo pessoal e outras fontes colaboradoras. O mesmo é sucedido por uma definição técnica de arranjo, e também por idéias e ensinamentos sobre os mesmo adquiridos durante minha trajetória. Conta ainda com a análise de parte dos arranjos e composições relativos aos músicos e maestros da Banda. O trabalho é finalizado com a apresentação da sua conclusão e proposta de trabalhos futuros.

PALAVRAS-CHAVE: Banda de música. Arranjo. Análise musical.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente de quatro de abril de 1957	18
Figura 2 – Apresentação da Banda no cinqüentenário de Orleans	21
Figura 3 – Registro de um dos desfiles da Banda em Orleans	21
Figura 4 – Capa da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente em dezesseis de julho de 1981	22
Figura 5 – Homenagem ao Centenário de Orleans	23
Figura 6 – Esculturas do Paredão	23
Figura 7 – Registro da Banda no ano de 1984	26
Figura 8 – Eu com o bombardino após desfile de 7 de setembro de 1987	27
Figura 9 – Partitura cifrada	29
Figura 10 – Partitura com cifras	30
Figura 11 – Desfile de sete de setembro de 1987	31
Figura 12 – Naípe de trombones em apresentação no Orleans Tênis Clube em 1988	32

Figura 13 – Documento de apresentação de necessidades da Banda	33
Figura 14 – Contrato da Banda	35
Figura 15 – Apresentação da Banda em um domingo no ano de 1990	38
Figura 16 – Desfile de sete de setembro no ano de 1991. À direita o Maestro Zezinho	38
Figura 17 – Apresentação da Banda em Santo Amaro da Imperatriz	39
Figura 18 – Última formação da Banda Estrela do Oriente, no ano de 1998	41
Figura 19 – Sala de recepção, melodia e linha do baixo (sete cordas)	53
Figura 20 – Anunciação, parte do barítono e trombone canto	54
Figura 21 – O bêbado e a equilibrista, parte do bombardino	55
Figura 22 – Dobrado Sebastião Nunes, parte das trompas	58
Figura 23 – O bêbado e a equilibrista, parte das trompas	58
Figura 24 – Dobrado Sebastião Nunes, parte B, com destaque para o Sax Alto dobrando e melodia na 1ª Oitava	59
Figura 25 – Anunciação, indicação da parte “B” para solo dos trombones	61
Figura 26 – Madalena, versão reduzida da melodia para o trombone	62
Figura 27 – Coronel Vieira, que aqui recebe o nome de Marcha Militar	66
Figura 28 – Cinquentenário de Orleans. Caligrafia do seu Vadico	69

Figura 29 – Boas Festas, grade reduzida	70
Figura 30 – Barracão, melodia em bloco	72
Figura 31 – Barracão, melodia em bloco II	73
Figura 32 – Dobrado Sebastião Nunes, acorde maior com sexta	74
Figura 33 – Dobrado Souza e Silva, acorde maior com nona	75
Figura 34 – Dobrado Avante Orleanense, que veio a se chamar, 19 de Nov. 76	
Figura 35 – Repertório para apresentação I, elaborada por M. Zezinho	77
Figura 36 – Lista de Repertório II, elaborada pelo Maestro Braz Cizesk, já com minha participação, em 1989	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.2 METODOLOGIA	13
1.2.1 Tipologia da Pesquisa	13
1.2.1.1 Pesquisa Bibliográfica e Documental	13
1.2.1.2 Entrevistas Semi-estruturadas	13
1.2.2 Análise e apresentação	14
1.2.3 Limitações da Pesquisa	14
2 DEFINIÇÃO DE BANDA	15
3 RELATO HISTÓRICO DA SOCIEDADE MUSICAL ESTRELA DO ORIENTE	17
3.1 HISTÓRIA DA BANDA NO PERÍODO EM QUE FUI TESTEMUNHA OCULAR (1986-1998)	26
3.2 MAESTROS QUE ESTIVERAM À FRENTE DA BANDA ESTRELA DO ORIENTE	42
3.2.1 Bernardino Silva	42
3.2.2 José Evaristo Nunes	42
3.2.3 Osvaldo Pfützenreuter	43
3.2.4 Braz Cizesk	45
3.2.5 Nélio Cícero Muniz	46
4 OS ARRANJOS	48
4.1 PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DE LINGUAGEM ESTILÍSTICA E RECUPERAÇÃO DOS ARRANJOS E COMPOSIÇÕES DA BANDA ESTRELA DO ORIENTE	52
4.1.1 Baixo (bombardão, sousafone, tuba)	53
4.1.2 Barítono	56

4.1.3 Bombardino	55
4.1.4 Clarinete	56
4.1.5 Flügelhorn	56
4.1.6 Requinta	57
4.1.7 Saxhorn (Trompa)	57
4.1.8 Sax Alto	59
4.1.9 Sax Tenor	59
4.1.10 Trombones	60
4.1.11 Trompetes	63
4.2 DOBRAMENTOS	64
4.3 ANÁLISE DOS ARRANJOS DA BANDA ESTRELA DO ORIENTE	65
4.3.1 Elaboração	67
4.3.2 A escrita	67
4.3.3 Instrumentação	71
4.3.4 Harmonia	72
4.3.5 Repertório	75
5 CONCLUSÃO	83
5.1 SUGESTÃO PARA FUTUROS TRABALHOS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
APÊNDICE	88
ANEXO	85

1 INTRODUÇÃO

Pode-se definir banda, de uma forma bastante superficial, como um conjunto musical formado por instrumentos de sopro e percussão. No Brasil, apesar de haverem registros da existência de bandas Militares na segunda metade do Século XVIII, elas tornaram-se mais populares a partir da chegada de D. João VI com a sua corte ao Rio de Janeiro, em 1808. No entanto, foi bastante difundida em território nacional durante o século XIX, transformando-se em uma das instituições de importância ímpar na vida musical, social e cultural brasileiro.

Observando a influência ocasionada pelas mesmas no desenvolvimento sócio-cultural da população, iniciou-se um processo natural de disseminação em território nacional, onde pequenas e grandes cidades, vilas, colégios e até fazendas, organizavam suas próprias bandas, tornando-as um veículo de entretenimento coletivo, as quais participavam de movimentos políticos, acontecimentos religiosos, cívicos e sociais.

Seguindo os mesmos preceitos das tradicionais bandas de grandes cidades, surgiu no ano de 1912 a primeira instituição da Banda Estrela do Oriente, em Orleans-SC. Responsável por grande parte do desenvolvimento cultural da cidade e pela descoberta de alguns nomes reconhecidos na música estadual, abrigou profissionais de grande porte, levando-a a conquista de reconhecidos prêmios Estaduais e apresentações importantes durante o desenvolvimento histórico da cidade. É relevante citar que, Iniciei meus estudos na Banda Estrela do Oriente no ano de 1985, aos sete anos de idade. De lá para cá, percorri diversos caminhos, no entanto, a Banda foi “o espaço”, onde obtive toda a base e iniciação musical. Foi onde aprendi com os mestres

Braz Cizesk e José Evaristo Nunes a arte da música. A Banda não foi só uma escola de música, mas também uma escola para a vida.

No entanto, desde o ano de 1998 a Estrela do Oriente encontra-se desativada, deixando esta lacuna para a população. Sua importante história, que atualmente é apenas lembrada em conversas informais entre a população mais antiga da cidade e antigos músicos, guarda composições elaboradas por conveniência a comemorações regionais, homenagens à nomes importantes da cidade, além de arranjos de composições famosas.

Observando-se todas as contribuições positivas para o desenvolvimento regional, e o atual “abandono” em torno de tão bonita história, encontra-se a necessidade de resgate, recuperação e análises de partituras, pesquisa da história e contribuições relevantes da Banda para a cidade de Orleans, com o objetivo de atentar a população e órgãos responsáveis pelo desenvolvimento cultural da cidade, para a imortalização e possível restauração dos trabalhos da Banda Estrela do Oriente, contribuindo para que esta cultura não fique enterrada no passado apenas como um traço da colonização e sim como um importante ícone da cidade. Desta forma, tem a pesquisa, como objetivo principal, a identificação de linguagem estilística, recuperação, registro, digitalização e análise de parte de suas composições e arranjos, assim como, a realização de um resgate histórico dos maestros e músicos que nela atuaram, buscando a sensibilização da comunidade e poder público para a reativação da Sociedade Musical Estrela do Oriente.

O trabalho está estruturado da seguinte forma:

No capítulo I apresento uma breve definição de banda, seguida de um relato histórico da Banda Estrela do Oriente, colhida em grande parte através de entrevistas, pesquisa a livros, documentos da Banda e jornais da época, o que foi dificultado por bibliografia e documentação escassas;

No capítulo II falo da história da Banda em que fui testemunha ocular, no período de 1985 a 1998;

No capítulo III trago uma definição de arranjo e a identificação da linguagem de escrita referente aos arranjos da Banda, proporcionando a possibilidade de desenvolvimento de um conjunto de preceitos para a recuperação das composições e arranjos da Banda Estrela do Oriente que, na maioria dos casos, foram encontrados incompletos.

1.2 METODOLOGIA

Para a elaboração da pesquisa e construção dentro dos pressupostos de Metodologia, é necessário, a conceituação da mesma, que, segundo Ziman (1996, p. 300), define como a “ordem que se segue na investigação da verdade, no estudo de uma ciência para alcançar um fim determinado”, a qual estará sendo utilizada como guia no desenvolvimento deste trabalho.

Assim sendo, a pesquisa tem como base o levantamento da história da Banda Estrela do Oriente e a identificação da linguagem utilizada para a escrita de composições e arranjos pelos Maestros e Arranjadores da Banda, e a hipótese que norteia seu desenvolvimento é a possibilidade de reativação da mesma.

1.2.1 Tipologia da pesquisa

1.2.1.1 Pesquisa Bibliográfica e Documental:

Foi realizada pesquisa bibliográfica sobre a história das bandas de música, sobre bandas de música no Brasil, sobre a história de Orleans e da Banda Estrela do Oriente.

1.2.1.2 Entrevistas Semi-estruturadas:

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com ex-integrantes da Banda, a fim de levantar informações complementares.

1.2.2 Análise e apresentação

Foi realizada a análise das partituras de composições e arranjos, em sua maior parte manuscritos, a fim de delimitar uma linguagem estilística própria da

Banda. Algumas partituras já faziam parte de meu acervo particular e outras foram conseguidas através de doações de ex-integrantes da Banda.

1.2.3 Limitações da Pesquisa

A pesquisa teve sua abrangência no território sul do Estado de Santa Catarina, Grande Florianópolis, Curitiba e São Paulo, o que, em decorrência da distância dificultou a coleta de entrevistas, necessitando que, algumas, fossem registradas via telefone ou *e-mail*.

Outro fator limitador foi a escassez de bibliografia a respeito da Cultura Musical da cidade de Orleans - SC, assim como da Banda Estrela do Oriente, o que acarretou a necessidade de buscas a documentos antigos, restaurações de partituras de composições e arranjos originais, e definição do trabalho com base em informações verbais de ex-integrantes e na minha própria vivência na Banda.

2 DEFINIÇÃO DE BANDA

Existem várias classificações associadas ao termo banda: banda marcial, banda de concerto, banda sinfônica, banda civil, banda militar, banda musical, entre outras. Isso no caso das bandas relacionadas a Instrumentos de sopro como as madeiras e os metais. O dicionário musical *New Grove II*, Polk (2001), traz duas definições para o termo banda: a primeira refere-se a praticamente qualquer conjunto de instrumentos musicais. A segunda define um grupo de músicos que executam combinações de instrumentos de sopro e percussão; ou ainda madeiras, metais e percussão. Esta acepção, mais detalhada que a primeira, ainda diz o seguinte:

Na Europa, a banda de sopros e percussão é descendente dos grupos 'altos' ou 'fortes' do período medieval e dos *civic waiters*, ou *Stadtpeifer*, que geralmente se apresentavam ao ar-livre e por isso usavam instrumentos de metal muito sonoros e percussão. As bandas eram freqüentemente móveis, tinham um apelo popular (elas executavam formas mais ligeiras de música, freqüentemente para uma audiência não paga; desta maneira elas também serviram como importante ferramenta de propaganda, ou ao menos ajudavam em promover um fervor nacionalista ou patriótico), e eram freqüentemente associadas com tarefas civis e militares e, por isso, uniformizadas. A orquestra, por outro lado, é descendente dos instrumentos 'baixos' ou 'suaves' (cordas e instrumentos de sopro mais suaves), que se apresentavam em ambientes fechados. Era originalmente associada com a igreja ou à nobreza e, posteriormente, a concertos formais de música mais 'séria' ou sofisticada para audiências pagantes (POLK, [2001], p. inum.).

No Brasil, as primeiras bandas com uma formação mais completa foram introduzidas por volta de 1808, com a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro.

O grande impulso dado à formação das bandas militares no Brasil começou como vimos com a transmigração da corte portuguesa para o Rio de Janeiro. Mas a Banda da Brigada Real trazida por D. João VI, em 1808, ainda era arcaica. Em Portugal, a banda de música começou a se modernizar somente em 1814, quando seus soldados regressaram da guerra peninsular, trazendo brilhantes bandas de música, onde predominavam executantes contratados, principalmente espanhóis e alemães [...]. A música militar claramente aparecida em bases orgânicas, na metrópole, em 1814, forneceria o modelo para a formação das bandas civis (SALLES, 1985, p. 20).

As bandas por vezes se apresentavam nas festas oficiais da monarquia luso-brasileira, batizados, casamentos, aniversários, cortejos, e também de caráter cívico, proclamações, desfiles, entre outros. A presença das bandas Militares nesses eventos a popularizou, sendo expandida para outras regiões.

3 RELATO HISTÓRICO DA SOCIEDADE MUSICAL ESTRELA DO ORIENTE

A Sociedade Musical Estrela do Oriente faz parte da história do município de Orleans. A Banda foi fundada no dia 4 de julho de 1912, antes mesmo da emancipação política do município, ocorrida em 1913, e desde então, atravessou diversas fases durante sua existência.

Apesar de não terem sido encontrados registros exatos de seu surgimento, acredita-se que tenha sua origem com a ocupação da cidade pelos imigrantes, nos primeiros 20 anos de sua fundação (1884/1904) com o propósito de servir aos interesses da região.

Após sua fundação, a Banda passou a tomar a frente das festividades e eventos da região, atuando em festas religiosas, políticas, inaugurações de obras públicas, como a do Hospital Municipal Santa Otília, da Igreja Matriz, da Prefeitura, da ponte, entre outros, além de apresentações, tocatas e serenatas. Conforme nota do jornal Folha do Sul (1930 apud LOTIM, 1998, p.139):

A nossa Banda Musical realizou domingo à tarde, em frente ao Clube 14, concorrida retreta. Foram algumas horas divertidas que passamos ouvindo lindas peças do repertório da Estrela. Ao local afluíu elevado número de pessoas e entre outras vimos as graciosas senhoritas.

Em outra nota, observa-se que, embora com o apoio do Prefeito, a Banda utilizava diversas estratégias para continuar sobrevivendo, por não ser capaz de existir subvencionada apenas pelo poder Público:

A banda musical desta vila inaugurou novo instrumental mandado vir de uma das mais afamadas casas de música de São Paulo pelo Major Pacheco dos Reis. O gesto do honrado Prefeito Municipal mereceu os encômios da população que muito o recomenda como amigo do progresso dessa terra. Agora que a Estrela do Oriente está opticamente organizada, tendo à frente de sua diretoria um Presidente infatigável, o Sr. José Antunes Mattos, e possuindo uniforme novo, bons instrumentos, um maestro caprichoso e um grupo regular de músicos é necessário que os Orleanenses não se neguem, como muitos têm feito até aqui em contribuir com a insignificante anuidade de \$2000. (LOTTIN, 1998, p. 140)

Não há registros e datas precisas sobre a história da Banda e seus respectivos maestros no período de 1912 a 1954. Todos os arquivos referentes

a essas datas foram queimados, restando apenas o relato de músicos, apreciadores e colaboradores que viveram na época.

Por volta de 1954 a Banda se desestruturou, e voltou a ser reorganizada em quatro de abril de 1957, conforme ata do mesmo dia. Por conter dados relevantes, segue a transcrição da ata na íntegra, abaixo:

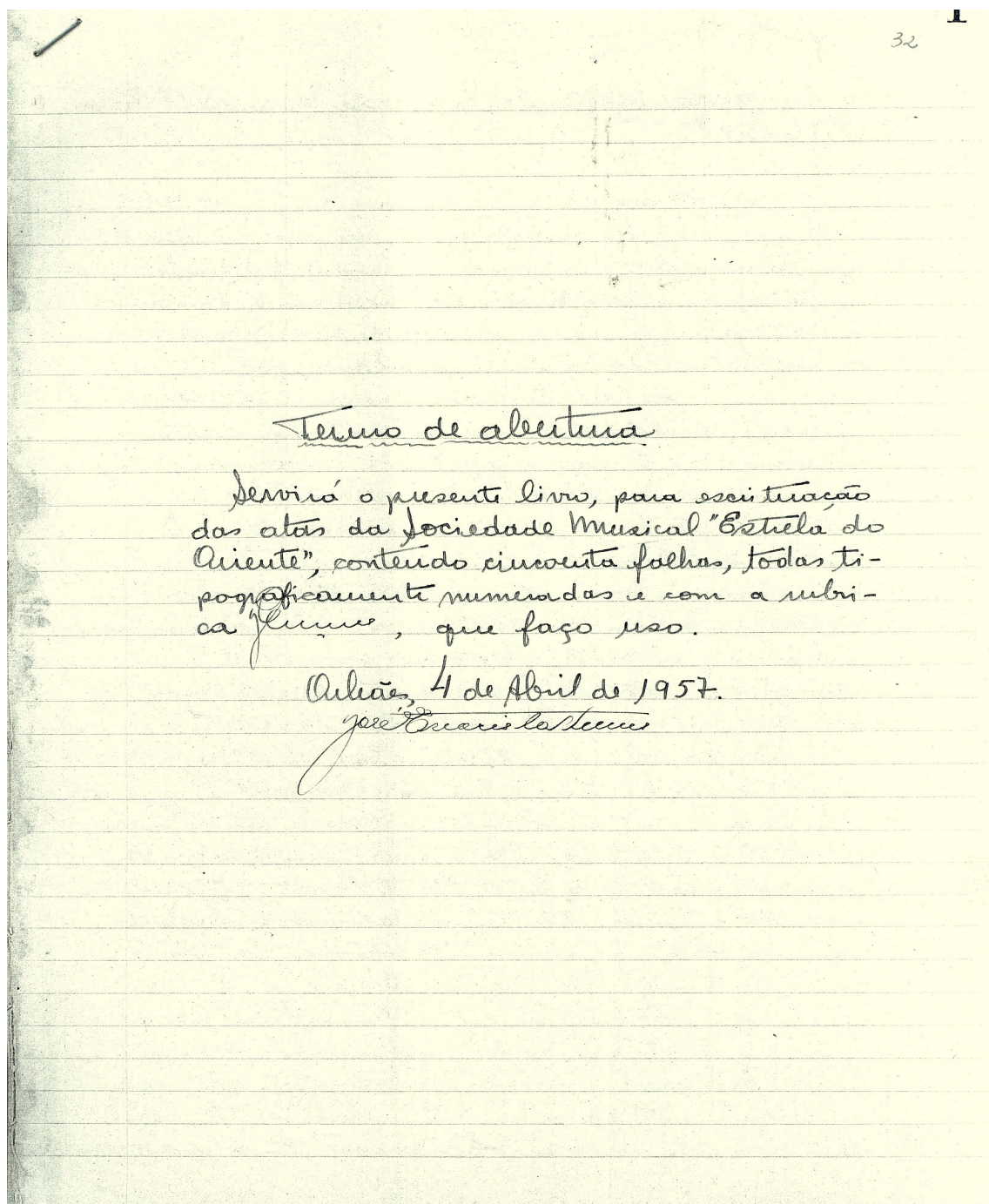


Figura 1: Capa da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente de quatro de abril de 1957.

Fonte: arquivo pessoal.

Ata da reorganização da Sociedade Musical “Estrela do Oriente”. Às dezenove horas do dia quatro de abril do ano de mil, novecentos e cinquenta e sete, na casa comercial do senhor Plínio Verane, reuniram-se os senhores José Evaristo Nunes, Plínio Verane, Ivan Alberton Cascaes, Aristides Zomer, José Brígido Figueiró, Lauro Flauzino, Guido Alberto Pizzolatti, Oldemar Pizzolatti, Iodori Mattei, e, João Zomer. Usando da palavra o senhor José Evaristo Nunes, dizendo da finalidade da presente reunião, esclareceu que por informações de pessoas idosas, Orleans há mais de trinta anos que conta com a Sociedade Musical Estrela do Oriente a qual, infelizmente por motivos que lhe são desconhecidos, caiu em completa decadência, nada mais se sabendo dos bens móveis e imóveis, bem como, instrumentais, etc. Sabendo, entretanto que há cerca de cinco anos aproximadamente o comércio em geral colaborou com o Padre Paulo Habold, na aquisição de instrumentos diversos os quais depois de vários empréstimos por que passaram sabe-se da existência dos seguintes: 1 contrabaixo tuba; 2 trombones; 2 trompas; 2 pistons; 2 clarinetas; 1 bombo; 1 caixa surda; 1 caixa clara e um bombardino, sabendo-se ainda que, dos instrumentos antigos, resta apenas um par de pratos turcos; por iniciativa do sr. Plínio Verani, iniciou-se a busca dos instrumentos supra relacionados, constatando-se que os mesmos existiam e estavam em poder do padre Santos Spricigo, o qual, sabedor da finalidade, prontamente os entregou ao Sr. Plínio Verane, os quais aqui se encontram. Continuando com a palavra o Sr. José Evaristo Nunes, conhecedor da injustificável falta do soerguimento da velha Estrela do Oriente e que neste momento convida todos os presentes a comporem nova diretoria a fim de levantar a já tradicional entidade musical, pondo-se, todavia ao inteiro dispor, dentro de suas possibilidades a colaborar com seus poucos conhecimentos musicais a bem da sua querida Orleans. Ao terminar, suas palavras foram grandemente apoiadas pelos presentes que por suas vezes prometeram colaborar cem por cento com seu empreendimento. Usando da palavra o Sr. Plínio Verane, disse que não poderia deixar de aplaudir e colaborar com tão grande empreendimento, prontificando-se a prestar todos os seus esforços para alcançar tão brilhante objetivo, pois esse sempre foi o sonho de seu velho e falecido pai. Apartado pelo Sr. Ivan Alberton Cascaes, pelo mesmo foi dito que Luiz Verane, foi o grande boluarte da música nesta terra e sócio-fundador da tradicional Banda Musical Estrela do Oriente, pedindo em seguida que constasse em ata um voto de louvor ao tão inesquecível músico e verdadeiro esteio daquela entidade. Retomando a palavra, depois de formular agradecimentos ao tocante ao seu querido pai, pediu ao Sr. José Evaristo Nunes, liberdade para indicar os componentes da nova diretoria, o que lhe foi concedido tendo em seguida apresentado aos presentes a seguinte relação: Para Presidente José Evaristo Nunes; Vice - Plínio Verane. Pelo Sr. Presidente foi dito que “aceitaria de bom gosto” a indicação e reafirmou tudo fazer para o bom êxito e desempenho de seu cargo, o que também foi dito por todos os demais relacionados. Usando da palavra o Sr. Ivan Alberton Cascaes, pelo mesmo foi dito que, sensibilizado com a sua indicação e aceitação da qual muito se honra, tudo fará juntamente com seus colegas concitando-os ainda no sentido de que este sonho de fato se torne realidade. O Sr. Presidente eleito, propôs uma mensalidade de \$10,00(dez cruzeiros) aos sócios, designando não só o Sr. Secretário, como também todos os da diretoria para angariar sócios, a fim de formar um quadro social de vulto, proporcionando destarte, meios pelo qual passa esta sociedade alugar uma sala para ensaios e custear as despesas diversas. Propondo ainda a venda de ações num total de \$50.000

(cinquenta mil cruzeiros) dividindo-se as mesmas da seguinte forma; 300 ações de 200 cruzeiros e duzentas ditas de 100 cruzeiros, a fim de satisfazer compromissos diversos que exigir. Pondo em votação, foi unanimemente aprovado. Depois que oferecida a palavra, sem que ninguém dela quisesse fazer uso, o Sr. Presidente marcou o dia sete de maio próximo vindouro para outra reunião extraordinária, agradecendo todavia a boa vontade e colaboração de todos os presentes.

A Banda Estrela do Oriente se re-ergueu, tendo à frente o Maestro José Evaristo Nunes (Seu Zezinho), que, na época ainda sem grande experiência, contou com a ajuda e apoio daquele que foi seu professor, o Maestro Orleanense Altair Cascaes¹. Ela estava no auge e era administrada por uma diretoria composta por pessoas da própria comunidade, que prestavam colaboração à Banda, sem remuneração, participando dos mais variados eventos, como festas, concursos e festivais no estado de Santa Catarina, em Cidades como São Joaquim, Timbé do Sul, Santana, Criciúma, Tubarão, Barro Branco - Lauro Müller, Braço do Norte, Grã Pará, Gravatal, Armazém, São Martinho, Urussanga, São José, entre outras.

No dia 30 de agosto de 1963, data do Cinquentenário de Orleans foi preparada uma grande festa comemorativa com alvoradas, desfiles, missa solene, bailes e selo comemorativo. Na ocasião o músico e maestro orleanense Osvaldo Pfützenreuter, compôs o dobrado² Cinquentenário de Orleans, que foi ensaiado sob a regência do Maestro Zézinho e apresentado na cerimônia de comemoração do cinquentenário e em desfile pelas ruas da cidade.

¹ Altair Cascaes nasceu no dia 22 de novembro de 1915, em Orleans. Filho de Antônio da Silva Cascaes e Alexandrina Correia Cascaes. Começou a aprender música por influência do pai, que tocava violino. Quando jovem, estudou na cidade de Tubarão – SC, depois se mudou para o Rio de Janeiro, onde estudou música. Posteriormente, no Estado de São Paulo, na cidade de Santo Amaro, formou-se pelo Conservatório de Música (mais alto grau da época), em violão clássico. Voltou para Orleans – SC, mudando-se em seguida para Criciúma, onde trabalhava no escritório da Mina de Carvão, e onde fundou a Banda Filho dos Mineiros. Seu Altair foi uma figura de extrema importância para a cultura das cidades de Orleans e de Criciúma, cuja Secretaria Municipal de Cultura, recebe seu nome. Na cidade de Orleans, foi professor e mestre de “Seu Zezinho”, dentre outros músicos, conforme entrevista com Nazarita Cascaes, irmã de Altair Cascaes e minha avó, realizada pelo autor em abril de 2008. Na cidade de Criciúma, foi professor e mestre de diversos músicos de destaque, dentre eles: o flautista Tayrone Mandelli.

² “Designação genérica para música de bandas militares ou sinfônicas, como a marcha. Tipo de música para bandas e fanfarras que adquiriu essa denominação em virtude da utilização do DOBRAMENTO, recurso que consiste na execução de cada parte do arranjo por mais de um instrumento, visando a melhor projeção do som do conjunto”, conforme Dourado (2004). Os dobrados geralmente possuem três partes, “A”, “B”, que é conhecida como o “forte” e um “C”, conhecida como “trio”.



Figura 2: Apresentação da Banda no cinquentenário de Orleans.
Em pé à esquerda o Maestro Zezinho, sentado da esquerda para a direita na segunda cadeira Sebastião Nunes.

Fonte: arquivo pessoal.



Figura 3: Registro de um dos desfiles da Banda em Orleans.
À direita o Maestro Zezinho.

Fonte: arquivo pessoal.

A Banda manteve suas atividades até o ano de 1974, quando sofreu nova paralisação. Foi neste ano que, segundo entrevistas e relatos de pessoas da comunidade e músicos da cidade, que muitos dos arquivos da prefeitura foram queimados, inclusive os da Banda Estrela do Oriente.

No ano de 1981, membros, admiradores, colaboradores e autoridades, reuniram-se com o intuito de novamente reerguer a Banda, conforme ata de dezesseis de julho de 1981.

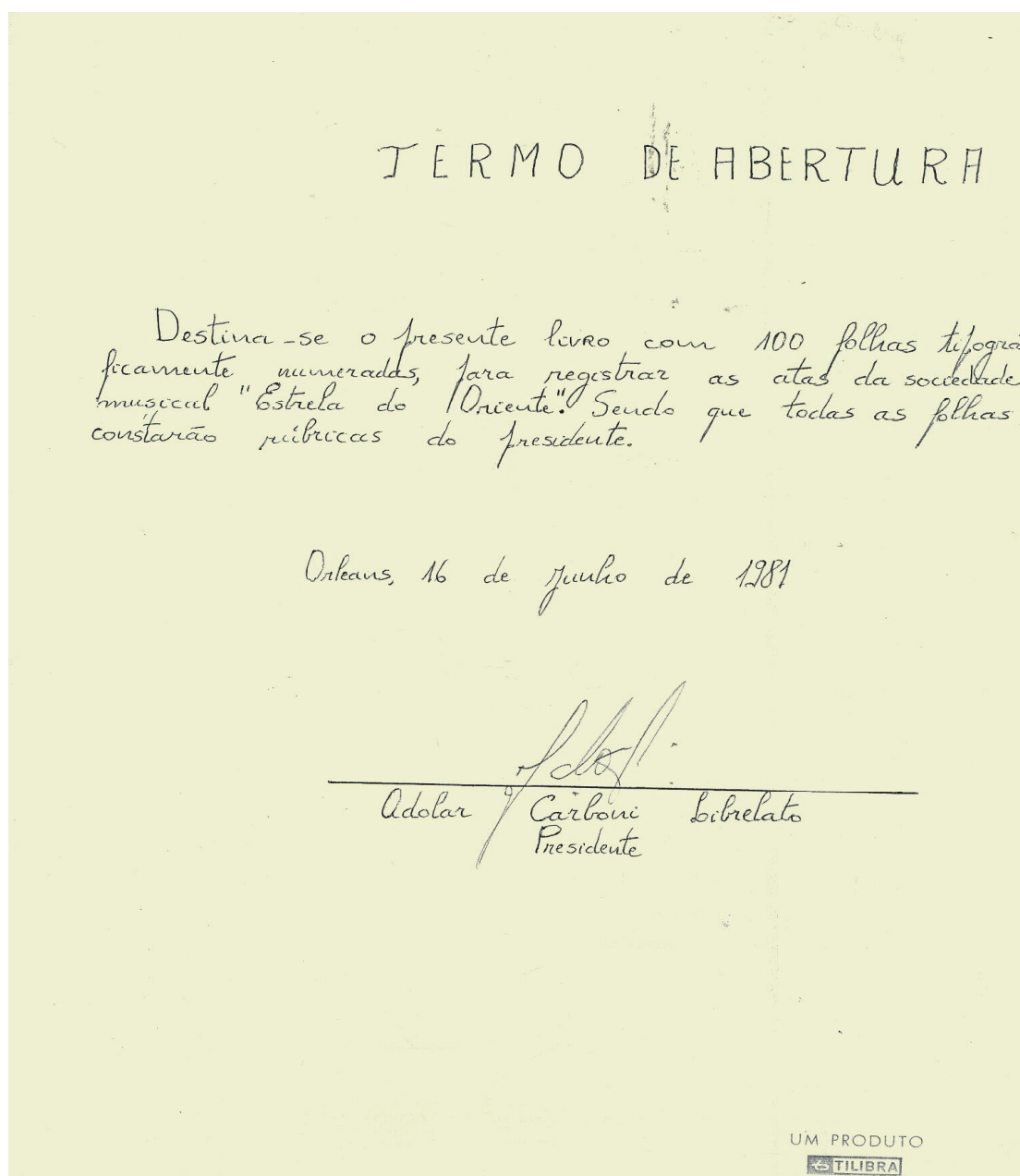


Figura 4: Capa da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente em dezesseis de julho de 1981.

Fonte: arquivo pessoal.

Nesta reunião foi eleita nova diretoria, a fim de reativar a Banda, em que a presidência ficou a cargo do Sr. Adolar Carboni Librelato. Nesta Ata não se encontram maiores detalhes, também não havendo registros até o ano de 1984.

Neste mesmo ano, comemorava-se o Centenário de Orleans. Foi organizada uma grande festa, houve grande mobilização na cidade, foi neste ano inclusive que foi construído o portal de entrada da cidade, pelo escultor “Zé diabo” de Orleans, autor das Esculturas do Paredão (um dos principais pontos turísticos da cidade), feitas em rocha viva, únicas na América Latina.



Figura 5: Homenagem ao Centenário de Orleans.

Fonte: arquivo pessoal.



Figura 6: Esculturas do Paredão.

Fonte: arquivo pessoal.

A Banda encontrava-se desativada, e a comemoração do Centenário de Orleans fez surgir novamente à idéia de mais uma vez reerguer a Banda. Reuniram-se autoridades, músicos e comunidade com o ideal de levantar a Banda, conforme registro da ata do dia quatorze de dezembro de 1984. Por conter dados relevantes, segue a transcrição da ata, na íntegra, abaixo:

Ata da Reunião da Sociedade Musical Estrela do Oriente. Aos quatorze dias do mês de dezembro de um mil novecentos e oitenta e quatro, às vinte horas e quinze minutos, na cede da Comissão Central dos Festejos do Centenário de Orleans, anexo a Câmara Municipal de Vereadores, situada a rua XV de novembro, número doze, nesta cidade, por convocação do prof. Jaime Paladini, Presidente da Comissão Central dos Festejos do Centenário de Orleans, e da Srta. Kátia R. N. Vargas, Secretária Executiva da C.C.F.C.O, reuniram-se os membros da Diretoria da Sociedade Musical Estrela do Oriente, demais membros da referida Sociedade, inúmeros populares e o Sr. Prefeito Municipal Luiz Crozetta. Abrindo os trabalhos, o Sr. Presidente da C.C.F.C.O. expôs aos presentes, os motivos que levaram a convocação desta reunião, dizendo, de imediato, que a necessidade deste encontro prende-se a reativação da Sociedade Musical Estrela do Oriente, especialmente por estarmos vivendo o ano 100(cem) da História de nossa Colonização; onde inúmeros são os eventos programados que necessitam a presença de uma Banda Musical, para melhor abrilhantar os festejos. Ato contínuo, após essas considerações a palavra foi passada ao Sr. Adolar Carboni Librelatto, Presidente da Sociedade Musical Estrela do Oriente, o qual convidou o Sr. Alberto Claumann, Secretário da referida Sociedade, para secretariar os trabalhos. Efetuou-se a leitura da Ata da última reunião, sendo aprovada. Dando prosseguimento o Sr. Adolar enalteceu a dedicação da C.C.F.C.O., em estimular os movimentos culturais de nossa terra, dizendo-se disposto a lutar pela reativação da nossa "Imemorável Banda". Sendo esta disposição manifestada pelos demais membros da Diretoria e Componentes. Então, passou-se á discussão do local para os ensaios, sendo colocado pelo Senhor Prefeito Municipal que o sindicato dos trabalhadores Rurais de Orleans, por intermédio de seu Presidente Camilo Bússolo, coloca uma sala a disposição, desde que seja terminada a construção (acabamento), entretanto o Sr. Presidente da Sociedade sugeriu que fosse aproveitada a sala situada nas dependências da Quadra de Esportes José Galeano Zomer, que já havia sido colocada a disposição, desde a gestão do Prefeito anterior, Sr. Edgar Zomer; sendo também levantado a hipótese pelo Sr. Ladislau Borges, de voltar a funcionar na antiga sede, ou seja, na sala onde atualmente está instalado o arquivo da prefeitura Municipal. Após estas colocações, decidiu-se que o Sr. Presidente Adolar e o Maestro Osvaldo Pfützenreuter ficariam encarregados de escolher o melhor local e apresenta-lo ao Sr. Prefeito Municipal Luiz Crozetta, o qual providenciará possíveis reparos e/ou melhorias que se fizer necessário. Na seqüência da reunião foi discutido sobre a possibilidade do credenciamento da Sociedade Musical Estrela do Oriente junto a Funarte, porém a necessidade de se deter o cadastro geral dos contribuintes, urgentemente, ficando decidido que o Senhor Presidente, amanhã mesmo, irá procurar o contador Luiz Carminatti e providenciará a documentação necessária e na segunda feira o prof. Jaime Paladini irá junto a Delegacia da Receita Federal de Criciúma para obter a

desejada inscrição no C.G.C.. Quanto à filiação no Instituto Nacional de Música_MEC/Funarte, será encaminhado a petição por intermédio da Sociedade de Amigos de Orleans, que tem na Presidência o conterrâneo e entusiasta pelos movimentos culturais de nossa terra, Dr. Genésio Mazon. Ficou decidido também que uma vez obtido tal credenciamento, será formulado o pedido dos instrumentos, junto a Funarte; uma vez que há condições de se conseguir a aquisição com preços especiais, isto é, trinta por cento abaixo do preço de fábrica, segundo contatos mantidos pelo Dr. Genésio com o setor competente da Funarte. Então, em ato contínuo, passou-se a confeccionar a relação de instrumentos necessários para o ideal funcionamento da Sociedade Musical Estrela do Oriente; ficando assim a lista dos instrumentos: dois contrabaixos (tuba) si bemol; dois saxofones sendo um si bemol e outro mi bemol; um bombardino; quatro trombones de pisto dó; três pistões si bemol, quatro clarinetes si bemol; duas trompas; uma requinta mi bemol; um bombo; um tambor-surdo; duas caixas de rufos; um par de pratos; dois pandeiros; um chocalho; um afoché; um reco-reco; um triângulo, sendo definido que todos os instrumentos devem ser adquiridos numa mesma fábrica. Na seqüência dos trabalhos, a palavra retornou ao prof. Jaime Paladine, o qual ratificou a disposição de servir, a toda causa que diga respeito ao engrandecimento da cultura popular de nossa gente, ao mesmo tempo que deposita toda confiança nos senhores membros componentes da Sociedade Musical Estrela do Oriente, ela que tantas Glórias tem dado à nossa querida Orleans Centenária; finalizando a reunião externou os agradecimentos a todos os presentes e ao mesmo tempo solicitou-me que lavrasse a presente Ata, a qual lida e apresentada será assinada por todos os presentes. Orleans 14 de dezembro de 1984.

No ano de 1984, a Banda foi reativada tendo a frente o Maestro Osvaldo Pfützenreuter (Seu Vadico), de Orleans.

No começo, não havia nem os instrumentos, as aulas eram apenas teóricas. Passaram-se alguns meses até chegarem os instrumentos, e a Banda contava com cerca de 20 alunos, entre jovens e crianças. O Maestro lecionava em uma sala na sede dos trabalhadores rurais. Nesta fase, a Banda chegou a fazer algumas apresentações em frente à Igreja Matriz, e conforme entrevistas com os alunos da época, a grande alegria de tocar em frente à Igreja, era o fato de que após a tocata, todas as crianças ganhavam laranjinha e salgadinho. “Uma coisa que eu lembro é que a gente tocava e ganhava laranjinha (refrigerante). Era tudo criançada, depois da apresentação ganhava coxinha, laranjinha, ficava todo mundo contente” (Clayton Debiasi, entrevista realizada pelo autor em abril de 2008).



Figura 7: Registro da Banda no ano de 1984.

Da esquerda para direita: Joelson, seu Vadico, James Debiasi, Cris Volpato, Galvão, Silvinho, Edson Volpato, Flavinho, Clayton Debiasi, Emerson Zamprônio.

Fonte: arquivo pessoal.

O repertório era composto de peças populares da época e arranjos do seu Vadico. O Maestro Vadico ficou à frente da Banda pelo período de aproximadamente oito meses, vindo a se afastar da mesma, por motivos de saúde.

A Banda enfrentava dificuldades, e conforme ata do dia 17 de maio de 1985, uma nova diretoria foi eleita, e tendo na presidência o Sr. José Valério Mattei³, no intuito de não deixar que a “Estrela” se apagasse novamente.

3.1 HISTÓRIA DA BANDA NO PERÍODO EM QUE FUI TESTEMUNHA OCULAR (1986-1998)

³ Músico, cantor, compositor e carnavalesco orleanense que, junto com o Maestro Zezinho, Zé Brígido e José Dalsasso, formava o grupo “Os Quatro Zé”. É figura importante da história musical de Orleans.

Durante uma apresentação da Banda de Urussanga na cidade de Orleans, o então prefeito Sr. Luiz Crozeta, fez um convite ao Maestro da referida Banda:

Certa vez fui com a Banda de Urussanga tocar uma festa do Lions Clube, em Orleans, e o ex-prefeito, Luiz Crozeta estava na festa, e depois da festa me chamou perguntando se eu não tinha o interesse de formar, ou de reativar a Banda de Orleans, a Banda Estrela do Oriente. Na semana seguinte, estávamos conversando e ele me falou da dificuldade de juntar os músicos antigos, que já eram pessoas idosas, pessoas que já não tinha aquele ânimo de ensaio e de treinamento. Sugeriu então que ele fizesse uma divulgação para seguirmos o exemplo de Urussanga, ou seja, recomeçar com jovens. Fizemos a divulgação e assumimos o compromisso de montar a Banda. No início, o local era bem difícil, uma casinha de madeira, muito complicado, o espaço muito fechado. (Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril 2008).

Foi aí que comecei, no bombardino, e com grande dificuldade, porque o instrumento era quase maior do que eu, e muito pesado, mesmo assim carregava para casa todos os dias, com grande esforço e sem desistir.



Figura 8: Eu com o bombardino após desfile de 7 de setembro de 1987.

Fonte: arquivo pessoal.

Não era bom aluno na escola, sempre ficava em recuperação, mas na Banda, era uma dos mais dedicados. Por várias vezes foi chamada minha atenção pela diretora, Dona Zulema, e pela professora de português, Dona Sueli Mazzurana (que além das aulas de português, nos ensinava poesia, incentivando os alunos a escreverem suas próprias, estímulo esse de grande importância no desenvolvimento da criatividade), que eu sairia da Banda se não melhorasse as notas. Mesmo diante das ameaças, meu interesse e dedicação eram muito maiores pela música e pela Banda do que pela escola.

A Estrela do Oriente não possuía uma sede adequada, a Banda ensaiava em uma casinha de madeira bem velha, atrás da rádio Guaruja. Faltavam instrumentos, muitos careciam de manutenção e os alunos tinham que se revezar para poder estudar e praticar.

A gente começou lá com vinte e cinco, trinta alunos, basicamente sem experiência, ou seja, não sabiam nem segurar o instrumento. O processo de seleção foi por critérios mais intuitivos do que propriamente vendo o biotipo da pessoa, embocadura, lábios grossos, finos. Não tinha muito que pensar e escolher tinham mais é que fazer e ver quem é que conseguia seguir em frente. Logo foram se revelando os talentosos, da mesma forma, os sem talento. A gente conseguiu assim, por um período, levar de uma forma mais prática. Na época era muito complicado você ensinar teoria. (Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril 2008).

No começo o Maestro não nos passava as músicas pela partitura e sim com nome das notas, e passava a melodia cantando ou tocando. Na maioria das vezes eram músicas bem conhecidas, que os alunos já tinham a melodia na cabeça, conforme apresentado na figura abaixo:

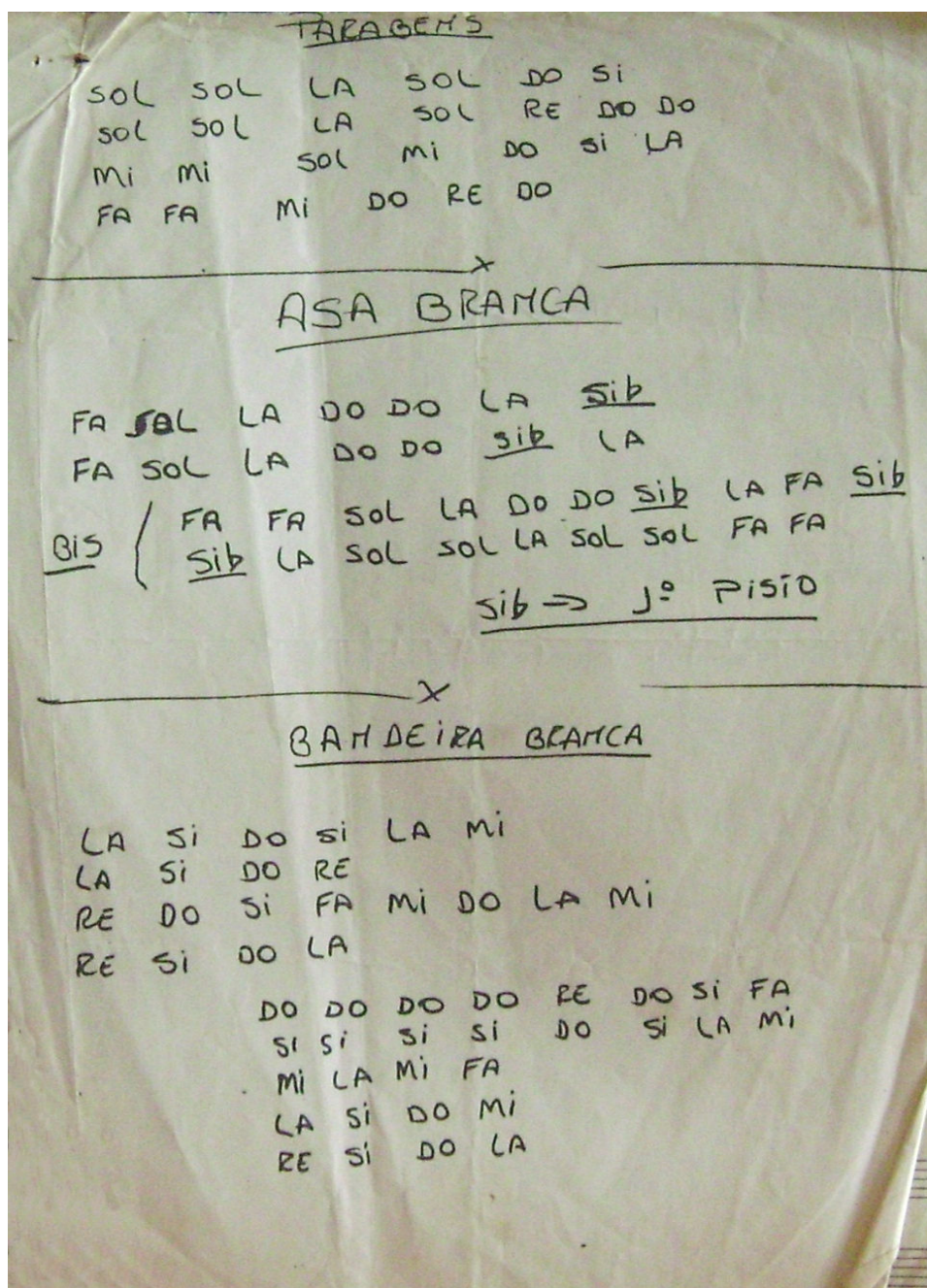


Figura 9: Partitura cifrada.

Fonte: arquivo pessoal.

Por que fiz isso? Embora eu tivesse todo o conhecimento teórico, o que acontece é que os prefeitos de interior, tanto em Urussanga como em Orleans, exerciam uma pressão. Na verdade, montar a banda não era em si pela cultura ou pelo desenvolvimento de oportunidade de talentos, mas sim como realização política, um feito político. Eu sabia que estava nessa pressão, e se fossemos levar primeiro o processo teórico, metade desistia antes do tempo. Hoje a experiência comprova que é assim. (Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril 2008).

A Banda tinha que estar na rua, tocando, as pessoas não tinham o interesse de saber como, o fato é que a Banda tinha que aparecer, de um jeito ou de outro.

Mais uma vez, intuitivamente eu disse: 'se é pra resultado, mesmo porque eu precisava do dinheiro para sobreviver, então eu preciso colocar esse pessoal para tocar'. De um modo não correto, do ponto de vista da técnica da música, comecei a fazer uns arranjos cifrados. Eu colocava as cifras depois de os alunos aprenderem a escala. Começava pelo processo de cifras para que logo, em dois ou três meses, já estivessem tocando melodia, pelo menos as melodias mais simples. Foi onde recebi o apoio, porque o prefeito viu que a Banda estava tomando caminho. (Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril 2008).

Mesmo depois de o Maestro começar a ensinar partitura, muitos alunos escreviam o nome das notas no pentagrama, relutando em praticar leitura.

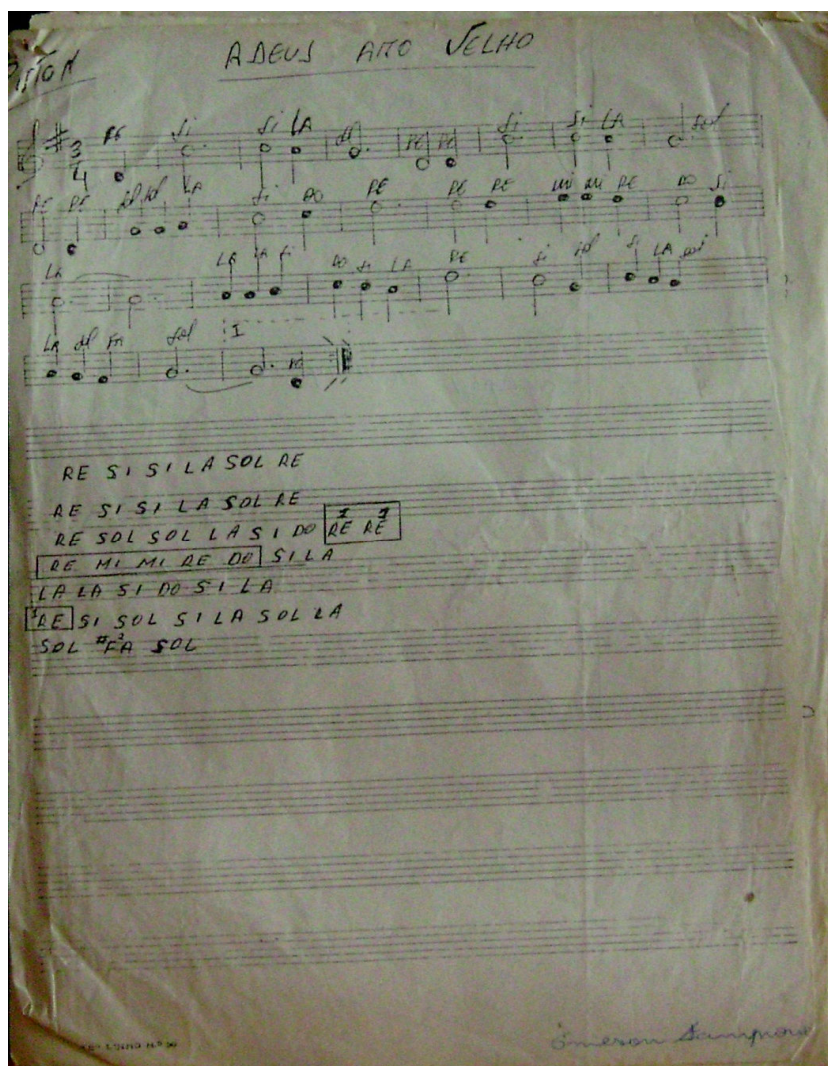


Figura 10: Partitura com cifras.

Fonte: arquivo pessoal.

Pelo processo tradicional, nós levaríamos, talvez aí seis meses, um ano, para dar uma base da teoria e lidando com a sorte de os alunos não desistirem. Levaríamos em torno de dois anos para obter algum resultado. Em quatro meses já estávamos arranhando algumas melodias, apesar da desafinação e do mau jeito, mas considerando que se tratava de crianças, pelas condições e pelo contexto que a gente estava trabalhando, esse método acabou tendo um respaldo político. (Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril 2008).

Ainda possuo os manuscritos e trechos de arranjos de todas as músicas referentes a esta época.

Mesmo com todas essas dificuldades, a Banda fez diversas apresentações.



Figura 11: Desfile de 7 de setembro de 1987.

Da esquerda para direita: Charles Turazzi, Felipe Debiasi, James Debiasi, Edson Volpato, Paulovik Debiasi, Fladimir Mazon, Clayton Debiasi, Walter.

Fonte: arquivo pessoal.



Figura 12: Naípe de trombones em apresentação no Orleans Tênis Clube em 1988.
Da esquerda para direita: Vladimir Mazom (que tocava no trombone dourado),
Paulovik Debiasi, Trombinho (da Banda de Urussanga), Rodrigo Debiasi (surdo)
Clayton Corrêa, Sandro Rampinelli.

Fonte: arquivo pessoal.

Em 1989, com a nova administração política, muita coisa mudou. Embora a Banda estivesse em atividade, tinha algumas necessidades que, em reunião com a nova administração, foram apresentadas pelo Maestro Braz Cizesk, conforme documento proveniente de meu arquivo:

BANDA MUNICIPAL ESTRELA DO ORIENTE

P. M. Orleans: necessidade:

- 1 - compra de instrumentos musicais
 - a) 2 sax tenor
 - b) 2 " mib
 - c) 1 par de pratos
 - d) 1 caixa de guerra
 - e) palhetas p/sax /
- 2 - manutenção da sede e dos instrumentos musicais
- 3 - quadro verde pautado p/teoria musical
- 4 - repertório (organizar e ampliar)
- 5 - horário de ensaios (definir) 16:00 / 18:00 /
- 6 - programação das apresentações (a combinar)
- 7 - reuniões periódicas com pais e P. M. Orleans.
- 8 - divulgações dos trabalhos da banda
- 9 - pastas para apostilas

Orleans 14 de Março de 1989.

Buz
Professor Braz Cizeski

OBJETIVOS: 1 - APOIO DA P.M.O.
2 - " DOS PAIS
3 - FREQUÊNCIA E DEDICAÇÃO AOS ALUNOS

Figura 13: Documento de apresentação de necessidades da Banda.

Fonte: arquivo pessoal.

A Banda recebeu todo o apoio necessário, ganhou nova sede, novos instrumentos, materiais. As apresentações eram constantes, nas festas de interior, desfiles, tocatas na cidade e região, como a apresentação da Banda neste mesmo ano no estádio da cidade de Braço do Norte, na festa da melancia, para um público de aproximadamente 4.000 expectadores. Lembro que neste dia a Banda foi jantar em um hotel fazenda da região. No meio do

caminho, em uma estrada de chão batido e sem iluminação, só com a luz da lua, o ônibus quebrou. Todos desceram e foram para frente do ônibus por causa da luz dos faróis. Não havia nada perto, só uma luzinha amarela, de uma casa, há uns duzentos metros de distância. Naquela época ninguém tinha celular. O Maestro Braz caminhou em direção a casa, para pedir ajuda, e todo mundo foi atrás. Quando o Maestro chegou perto da casa, a mesma era cheia de cachorros: não deu outra, a cachorrada pulou a porteira e veio pra cima. Foi uma correria danada, teve gente que até subiu em árvore. Felizmente ninguém foi mordido. Por fim, o motorista conseguiu consertar o ônibus. Chegamos ao hotel para jantar com umas três horas de atraso, não tinha mias nada, contudo o pessoal do hotel conseguiu ajeitar para a gente uns pães d'água, já bem passados, que pareciam uns tijolinhos de tão duros, com presunto, queijo e café preto, nem leite havia mais. Com a fome que nós estávamos aquilo desceu que foi uma maravilha. Nesse dia chegamos a Orleans por volta de cinco e trinta da manhã, com a maioria dos pais preocupados esperando o ônibus na frente da igreja. A Banda possuía até um contrato, que era usado em alguns casos, em apresentações fora da cidade. Um detalhe interessante neste contrato são os artigos segundo e quinto, que demonstram que o mesmo foi feito pensando nos músicos, a maioria crianças.

SOCIEDADE MUSICAL "ESTRELA DO ORIENTE"

Fundada em 4-7-912
Reorganizada em 4-4-957

Rua 15 de Novembro, n. 4
ORLEÃES — Santa Catarina

Contrato de Compromisso

Contrato de Compromisso que entre si fazem a Sociedade Musical «Estrêla do Oriente», aqui denominada como primeira contratante e _____, aqui denominada(s) como segundo(s) contratante(s); sob as seguintes condições:

1º. A primeira contratante, compromete-se a tocar os festejos comemorativos a festa de _____, no lugar _____, nos dias _____ e _____ do mês de _____, do corrente ano; sendo que no dia _____, das _____ hs., às _____ hs. inclusive transladação, se houver; e no dia _____, das _____ hs. às _____ hs.; reiniciando às _____ hs., e encerrando o contrato às _____ hs., inclusive procissão, se houver.

2º. O(s) segundo(s) contratante(s) compromete(m)-se a pagar a importância de Cr\$ _____, e ainda a concorrer(em) com hospedagem, alimentação, condução e refrigerantes durante as horas de tocata.

3º. A primeira contratante, sob hipótese alguma, tocará a descoberto, quando estiver chovendo, e não se obrigará a executar suas peças musicais em local não apropriado e, que não seja à noite bem iluminado, para que os músicos possam ler perfeitamente suas partes.

4º. O(s) segundo(s) contratante(s) obriga(m)-se a dar aos componentes da primeira contratante (inclusive sua Diretoria) boa alimentação e leito relativamente confortável, afim de que o músico possa realmente descansar para reiniciar sua tarefa no dia seguinte:

5º. Nas horas de tocata acima referidas, as peças serão executadas num intervalo de dez(10) minutos, uma da outra, espaço que será reservado para que os músicos possam trocar suas partes e tomar algum refrigerante.

6º. No caso que o(s) segundo(s) contratante(s) exija(m) que seja feita Alvorada, esta será cobrada à parte, na importância de Cr\$ _____ cada uma.

7º. Os contratantes que não cumprirem o presente contrato, ficam sujeitos a multa de 50% sobre o valor do contrato; salvo por motivo de força maior, que aqui se estipula como sendo: 1º- a morte do Regente, de membro da Diretoria, ou de algum músico; 2º- a morte de algum festeiro, e que no caso não seja realizada a referida Festa.

OBSERVAÇÕES:

E por assim estarem justos e contratados, assinam reciprocamente o presente contrato, sendo que a primeira contratante, por intermédio de seu _____, e o(s) segundo(s) contratante(s) por intermédio do Sr. _____.

Orleães, _____ de _____ de 19 _____.

TESTEMUNHAS;

Figura 14: Contrato da Banda.

Fonte: arquivo pessoal.

A Banda estava bem estruturada, no entanto o Maestro, devido à sobrecarga de trabalhos, começou a perceber certa dificuldade em continuar à frente da Estrela do Oriente: “Nesse período, eu ensaiava duas Bandas, a de Urussanga e a de Orleans, tocava num conjunto, pra poder sobreviver, nos finais de semana. Às vezes era um sufoco ter que atender aos eventos das duas bandas e do conjunto, e ainda, dava aulas, para em torno de trezentos alunos, de violão e guitarra”. Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril 2008.

A pressão sobre o Maestro aumentava:

Um fato interessante, é que o prefeito de Urussanga, ele me pediu: ele tinha uma esposa, que é a dona Ana, que era secretária de Cultura. Ela sonhava com um quarteto de cordas. Olha só que situação, no interior, na pressão, nas condições de interior, na cultura de interior, eu já com duas bandas, trombone, sax, trompa, pistom, caixa, surdo, prato, correndo, dando conta de duas bandas, ensaiando pro conjunto, dando aulas, e aí vem a mulher do ex-prefeito, e me pede pra formar um quarteto de cordas. Uma semana depois eu estava em São Paulo comprando violino. Mesmo processo, para atender anseios políticos, dentro de uma pressão, o que eu fiz? Fui procurar alguns especialistas em cordas, e aprender a tocar pelo menos o básico, para poder ensinar. Isso também a gente realizou. (Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril 2008).

Nesta fase, o Maestro, resolveu abandonar as bandas, tanto a de Orleans como a de Urussanga.

Essa é minha história, de superação, tendo que fazer as coisas na pressão. E aos trinta anos, chegou um determinado momento que a música cansou. Já estava cansando, não estava mais encontrando o prazer no que eu estava fazendo e do modo como estava fazendo, porque não estava produzindo ou atuando do jeito que eu julgava ser importante. Decidi então mudar de vida, decidi que pararia com a música. Cheguei a uma espécie de stress musical aos trinta anos, e não sabia o que fazer. Levou um ano pra decidir. Acabei fazendo mais uma vez o caminho do coração. Deixei a música e fui para outras atividades. Foi assim que decidi nem mais tocar nos instrumentos. (Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril 2008)

Agora a Banda tinha todas as condições para seguir em frente, mas lhe faltava um Regente. Na Banda Estrela do Oriente, assim como na maioria das bandas, o Maestro não era apenas o regente, ele também se ocupava de várias funções, além de reger, o Maestro é quem escrevia os arranjos, compunha, ensinava todos os instrumentos, e ainda tinha que cuidar de questões administrativas. Mas talvez a função mais importante da figura do

Maestro, seja a função de educador, formador de caráter e de personalidade, principalmente em se tratando de crianças.

Havia uma empatia, uma contemplação muito forte. Um corporativismo muito forte entre o Maestro, que era no caso eu, com os músicos. Quando esta dando certo, geralmente esta havendo uma sinergia, entre os músicos e maestro, esta havendo certa harmonia, a gente chama de empatia e confiança, os músicos confiam no Maestro e mantêm por ele uma empatia e confiança, isso acaba formando um relacionamento (Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril 2008).

A notícia da saída do Maestro Braz Cizesk foi recebida com tristeza pelos alunos e acompanhada de alguma incerteza quanto ao futuro da Banda. Diante desse fato, no dia onze de abril de um mil novecentos e noventa foi realizada Assembléia geral extraordinária da Sociedade Musical Estrela do Oriente onde, com a presença do prefeito foi eleita nova diretoria, deixando o cargo da presidência o Sr. José Valério Mattei e assumindo o Sr. Willian Debiasi.

Foi contratado para o cargo de maestro seu antigo regente, o Maestro José Evaristo Nunes. Nesse período, além da nova sede, foram feitos armários para guardar os instrumentos, partituras, e materiais diversos. Foram comprados novos instrumentos, os antigos foram consertados, novas estantes de partituras, todas personalizadas. Foi mandado confeccionar o uniforme da Banda, todos sob medida.

Todas as tardes o seu Zezinho dava aula na Banda, ensaiava, tirava dúvidas, escrevia os arranjos, enfim, ficava à disposição. O ensaio geral era sempre nos sábados, pela manhã, e a Banda, além de novos alunos, contava com a presença dos músicos antigos, entre eles o Beto Claumann (trombone e bombardão), Raulino Rocha (trombone) e Duílio Debiasi (sax-tenor). Em pouco tempo a Banda já estava estruturada e realizando apresentações nos mais diversos eventos e concursos, em várias cidades do Estado. A prefeitura sempre disponibilizava transporte, alimentação e hospedagem para todos os músicos. Lembro que a Banda se apresentava todos os domingos pela manhã, em frente à Igreja Matriz, logo depois da missa. Depois da apresentação a Banda toda se reunia para comemorar e confraternizar na churrascaria Azulão.



Figura 15: Apresentação da Banda em um domingo após a missa, no ano de 1990.

Fonte: arquivo pessoal.



Figura 16: Desfile de sete de setembro no ano de 1991. À direita o Maestro Zezinho.

Fonte: arquivo pessoal.

No ano de 1991, uma apresentação importante e histórica, foi a participação da Banda Estrela do Oriente no festival de bandas de Santo Amaro da Imperatriz, obtendo grande destaque entre as bandas participantes.



Figura 17: apresentação da Banda em Santo Amaro da Imperatriz.

Fonte: arquivo pessoal.

No fim do festival, os músicos de todas as bandas uniram-se em desfile pela cidade de Santo Amaro, tocando os dobrados “dois corações” e “Capitão Cassulo”. Eram mais de 800 músicos reunidos, foi uma grande experiência. A “Estrela” estava brilhando, tocatas eram constantes em toda a região, festas de igreja, inaugurações e desfiles.

Quanto ao repertório, a Banda tocava muitos dobrados, valsas, músicas populares de sucesso na época, além de sambas, marchas, etc. Nesse período, além do bombardino, passei, por interesse próprio, por todos os instrumentos da Banda, sempre me interessava pelos arranjos e como eram feitos. Guardava todas as partituras, de todos os instrumentos. Na maioria das vezes, quando os alunos decoravam a peça, abandonavam a partitura pelas estantes, eu ficava com todas, queria ver como era a parte de cada um dos instrumentos, levava para casa e tentava tocar todas. O que acontecia é que a

melodia da música não ficava só para um instrumento, que hora fazia melodia, hora fazia contracanto. Eu juntava a parte de um e de outro e transcrevia a melodia. Em alguns casos, eu mudava os arranjos, e queria ouvi-los com as partes que eu trazia da Banda, porém tinha vergonha de pedir para o Maestro e para os colegas tocarem. Diante disso, eu usava do seguinte processo: possuía um gravador de fita K-7, em que, eu gravava a execução, por exemplo, da parte do trompete; em seguida, colocava a tocar e executava a parte do trombone junto com o toca-fitas. Quando eu queria ouvir três vozes, o processo era mais complicado: gravava a parte do trompete, e em seguida usava um segundo gravador, que iria gravar a parte do trompete sendo executada pelo primeiro toca-fitas, e a parte do trombone, executada por mim. Por fim, eu colocava a tocar as duas partes gravadas e executava a terceira parte, que poderia ser no bombardino, no clarinete, na trompa ou no baixo, ou ainda, nas mais diversas combinações que eu criava. Com este processo, conseguia ouvir três vozes ao mesmo tempo.

Daí meu interesse pelos arranjos, e graças a esse fato, consegui guardar quase todos os arranjos da Banda nesse período, feitos pelos maestros Braz e Zezinho Nunes, que devido a essa iniciativa, não se perderam para sempre. Ia para a Banda quase todos os dias e era um dos poucos alunos que tinha a confiança do Maestro para poder levar o instrumento para casa. Por esse motivo, fiquei encarregado de cuidar e limpar os instrumentos, dar polimento, e fazer pequenos reparos, com isso adquiri um grande conhecimento técnico dos instrumentos, o problema era o bombardino e o contrabaixo, que eram maiores do que eu, e davam o maior trabalho para carregar. Sabia todos os instrumentos que a Banda possuía.

No final de 1993 e começo de 1994 a Banda começou a perder apoio e a decair, os alunos começaram a perder o interesse e a Banda acabou.

Em 1997 houve uma tentativa de reerguer a Banda, o Maestro Zezinho se encontrava enfermo, não podia mais assumir a Banda, então foi contratado o Maestro Nélio Muniz de Florianópolis, hoje maestro da Sociedade Musical Tijuquense. Mais uma vez o maestro foi contratado sobre pressão, pois deveria estar com a Banda pronta para se apresentar no dia 30 de agosto, na semana Cultural de Orleans, e para isso tinha pouco mais de cinco meses, para reunir e ensaiar os antigos músicos, e formar novos músicos. O seu Nélio fez um

grande trabalho frente à “Estrela”, e quando chegou o dia 30 de agosto, não só colocou a Banda na rua, como também contou com a presença dos músicos da Banda do Ribeirão da Ilha, de Florianópolis, que se prontificaram a participar do desfile junto com a Banda Estrela do Oriente, a pedido do seu Nélío, e vieram sem cobrar nada, só pela amizade e pelo desejo de ajudar o amigo. A única coisa que ganharam foi, transporte e alimentação, mesmo assim, boa parte das despesas foi paga pelo próprio Maestro. Foi uma grande apresentação, principalmente pela demonstração de amizade e consideração dos músicos e do Maestro da Banda do Ribeirão (seu Daniel).

Os arranjos da Banda nessa época eram todos feitos pelo seu Daniel que escrevia para sua banda e passava para o seu Nélío, que por sua vez adaptava para os instrumentos disponíveis na Banda Estrela do Oriente. O Maestro ficou cerca de oito meses no cargo e desistiu por falta de apoio.



Figura 18: Última formação da Banda Estrela do Oriente, no ano de 1998.

Fonte: arquivo pessoal

Desde então a Banda Estrela do Oriente encontra-se desativada.

Posteriormente foi implantado em Orleans um projeto Musical, o qual recebe apoio privado, através da Lei de incentivo à cultura. Salienta-se que, apesar de grande utilidade para o desenvolvimento da cultura musical, ele não

busca o resgate da cultura local, não demonstrando interesse pelos arranjos e composições dos músicos da cidade.

3.2 MAESTROS QUE ESTIVERAM À FRENTE DA BANDA ESTRELA DO ORIENTE

Os Maestros que estiveram em frente à Banda Estrela do Oriente, conforme Lottin (1998, p. 127) foram: “Pedro Silva; Carlos Amaral; Manoel da Chica (Fichica); Francisco Ernesto; Lucas Evaristo; Rui Madalena; Marcílio Dias; Marcelino; Êmone Mattei; Antônio Orige e Bernardino Silva” os quais não foram encontrados maiores informações e registros referentes aos Maestros citados.

No entanto, após o período registrado (acredita-se que os nomes referidos pelo autor sejam equivalentes até o ano de 1954), estiveram à frente, conforme se apresenta a seguir, os seguintes Maestros, em ordem cronológica: Bernardino Silva, José Evaristo Nunes, Osvaldo Pfützenreuter, Braz Cizesk, José Evaristo Nunes e Nélio Cícero Muniz.

3.2.1 Bernardino Silva

Comandou a Banda por volta de 1940 a 1954, conforme Jaci Moraes (entrevista realizada pelo autor em abril de 2008).

3.2.2 José Evaristo Nunes

Nasceu no dia 22 de Dezembro de 1927 em Orleans. Iniciou seus estudos musicais com o Professor Altair Cascaes. Sua vida foi dedicada à Música e ao carnaval. Exerceu o Cargo de Escrivão Judicial durante muitos anos no Fórum de Orleans.

Com um notável conhecimento teórico e prático, compunha partituras e arranjos musicais com admirável facilidade. Zezinho tocava vários instrumentos, sendo que seus preferidos eram o violino e o sax-alto. Compôs

diversas músicas nos mais variados estilos. Com o violino tocou durante muitos tempo no conjunto "Os 4 Zé", ao lado dos amigos José Dalsasso, José Brígido e José Valério Mattei, além de outros grupos formados ao longo dos anos.

Foi regente da Banda Estrela do Oriente que muito abrilhantava as festas da cidade e os desfiles comemorativos. Além da Banda, também organizou e coordenou a "Fanfarra", muito popular na década de 70. Zezinho era um grande carnavalesco e construtor de carros alegóricos. Organizou Escolas de Samba, fundou grupo de escoteiros e comandou durante mais de 20 anos a Charanga 2001, que animava as ruas de Orleans durante o carnaval.

Morreu em 17 de Setembro de 2001.

3.2.3 Osvaldo Pfützenreuter

Nascido na cidade de Orleans-SC no ano de 1913, teve seu primeiro contato com a música ainda criança, quando iniciou aprendizado com gaita de boca. Logo após aprendeu violino, instrumento de sua grande dedicação. Aos 15 anos apresentou-se pela primeira vez em público, tocando cavaquinho na inauguração do Clube 14 de Julho de Orleans.

Aos 18 anos serviu o Exército na cidade de Florianópolis, onde foi enviado para combate na Revolução Constitucionalista de São Paulo. Chegou a passar em um concurso para cabo, no entanto, por ausência de vagas, não foi chamado para exercer o cargo. Mesmo em carreira militar, não abandonou seu violino, o qual tocava todas as noites para os oficiais.

Mudou-se para Urussanga no fim dos anos 30, exercendo o cargo de datilógrafo do Cartório do Crime da Comarca. Paralelamente exercia a música, onde participou do Conjunto Bando Alegre, o qual tocava em toda a região sul do Estado.

Em 1940, quando assumiu como escrivão a Coletoria Federal de São Joaquim, foi convidado para tocar trombone na Banda Mozart Joaquinense pelo Maestro Leonel Porto, o qual tocou pela primeira vez o dobrado do seu Vadico, sendo batizado na ocasião, com o título de 19 de novembro, devido à data. Também tocava violino na Igreja com o Coral, participou de um conjunto

para Bailes com os membros da Banda e tocava na “A voz Cabocla”, um serviço de alto-falantes instalado junto ao cinema da cidade.

Novamente em sua terra Natal, na Banda Estrela do Oriente, tocou Trompa, Barítono e Trombone, foi regente dos Corais Santa Cecília e Hermelina Pfützenreuter, e ainda organista por 26 anos na Igreja Matriz.

No fim dos anos 50, fez parte, em Orleans, do “Lourival Longo (acordeonista) e seu conjunto,” tocando muitos bailes na região e, acrescidos de dois violinos, na inauguração do Clube de Rio Deserto em Urussanga, com a presença de Aldo Speck de Lauro Muller.

Em 1963 compôs para sua terra Natal o dobrado Cinquentenário de Orleans, se apresentando no Clube União Orleanense, em baile de Debutantes, onde também estreou a valsa Regina Célia, composta para sua filha, acompanhado do Conjunto Ravena de Laguna.

Em 1967/68 foi professor de canto orfeônico, no Colégio Toneza Cascaes de Orleans. Organizou uma bandinha feminina de Flautinha, a qual desfilou com os alunos pelas ruas no dia 7 de setembro do ano corrente.

Em 16 de abril de 1972 emitiu carta pública ao Senhor Presidente da República (lida em Congresso Nacional e mundialmente divulgada), denunciando e solicitando esclarecimento sobre o paradeiro de um de seus filhos, o jornalista Rui Osvaldo Aguiar Pfützenreuter, na época com 29 anos. Mais tarde veio a se confirmar: ele foi assassinado pelo Exército e sepultado como indigente no Cemitério de Peru-SP, sendo posteriormente transladado para Orleans.

Em 1978, com Luiz Marcolino, faz gravação para o programa “Saudade não tem idade” para a Rádio Difusora de Laguna.

Em 1981 fez parte do Conjunto Seresta, com Aurélio Santos Soares – violão e as cantoras Marines Wendhausen Bongioio e Thamara Ramos dos Santos. Fizeram varias apresentações dominicais no programa Almoçando com Música da Radio Garibaldi de Laguna e Serestas marcantes, com outros companheiros, como algumas vezes na casa da poetisa Donatila Borba na cidade de Criciúma. Regeu nesta época por algumas vezes o Coral Nossa Senhora dos Navegantes da cidade de Laguna.

Apresentou-se por varias vezes na Rádio Guarujá de Orleans, acompanhando duplas sertanejas e concedendo entrevistas, nas estações de

televisão de Curitiba, Canal 4 e Canal 12, na TV Coroados de Londrina, na TV Eldorado de Criciúma e de Florianópolis. Nos anos 1992/93 apresenta-se por várias vezes com o Conjunto Choro e Seresta, no Largo da Ordem em Curitiba.

Entre suas composições, destacam-se os dobrados Avante Orleanenses (que posteriormente veio a se chamar 19 de Novembro) e Cinqüentenário, ambos escritos para a Banda Estrela do Oriente.

Seu Vadico compôs diversos hinos, entre eles “Sinos de Orleans”, hino oficial do município de Orleans.

Acompanhou diversos músicos e cantores de Orleans e região: Hulda Mattos Mattei, Ubaldina Pickler Cunha, Osmundino Mattei, Emilia Pfützenreuter Quarezemim, Ire Santiago Silva, José Valério Mattei, Romeli Mattos, Tony Cascaes e a dupla sertaneja Castelinho e Ferreirinho, Marines Wendhausen Bongioio e Adauto Teixeira de Tubarão, Thamara Ramos dos Santos e Augusto Westphal de Laguna.

Seu Vadico, como era conhecido, faleceu no ano de 1996, com 83 anos, na cidade de Curitiba sendo sepultado em Orleans.

3.2.4 Braz Cizesk

Nasceu em 1960. Ainda criança, foi recolhido ao Orfanato Paraíso da Criança, na cidade de Urussanga, junto com seus irmãos, devido a problemas de saúde ocorridos com sua mãe durante seu parto.

Aos 9 anos de idade, foi transferido para um Colégio de Meninos em Florianópolis, onde teve seu primeiro contato com a música através de um teste (solfejo da escala de dó maior) obrigatório para a banda do colégio. Aprovado, foi obrigado a freqüentar as aulas e participar das atividades da banda, sob a regência do Maestro Pelário Mendonça.

Com o tempo foi criando intimidade com a música e apreciando as atividades, e aprendendo todos os seus fundamentos. A Banda Santa Cecília, da qual participava, conquistou diversos prêmios estaduais, o que a tornou uma banda bastante conceituada.

Aos 16 anos de idade ganhou um violão do maestro e iniciou seu estudo como autodidata. Aos 19 anos saiu do orfanato, disposto a viver da música, ser um músico profissional. Na época, já estudava violão clássico e participava de

alguns grupos onde conseguia destacar-se de amigos que freqüentavam aulas específicas de violão clássico, apenas utilizando informações repassadas por eles. Seu grande segredo sempre foi a dedicação, chegando a estudar por 15 horas seguidas.

Em Florianópolis participou de um conjunto, onde começou a acompanhar Débora Blando. Aos 23 anos foi para o Rio de Janeiro, buscando se firmar num centro maior, como guitarrista.

Foi convidado para tocar com Emílio Santiago, no entanto, durante uma crise existencial, voltou para visitar Urussanga durante um final de semana, onde conheceu sua esposa e acabou optando por ficar pela região.

Depois de algum tempo recebeu novo convite de Débora Blando, para ir novamente ao Rio, tocar com Oswaldo Montenegro, no entanto permaneceu a opção de ficar em Urussanga, com sua noiva, na época.

A partir dessa época passou a ter sua sobrevivência tocando em bailes de interior, festas de igreja, e pouco depois teve a oportunidade de formar a Banda de Urussanga, após um pedido feito ao Prefeito.

Teve que aprender e praticar todos os instrumentos da banda para poder ensinar, pois não havia sido preparado para ser Maestro. Logo depois assumiu também a Banda Estrela do Oriente da cidade de Orleans.

Aos trinta anos abandonou a música. Foi vereador por duas vezes na cidade de Urussanga e atualmente atua na área de desenvolvimento humano. Atualmente utiliza a música como instrumento de motivação em suas palestras.

3.2.5 Nélio Cícero Muniz

Nasceu na cidade de Viana, no Estado do Maranhão, em 08 de abril de 1934. Iniciou seus estudos musicais na Banda Família Mendonça, sendo posteriormente, transferido para a Família Araújo, que eram duas tradicionais bandas da cidade.

Aos 14 anos foi para o Rio de Janeiro. Aos 17 ingressou o Grupo de Fuzileiros Navais, onde estudou música. Foi transferido para Florianópolis, onde estudou música com o Maestro Pelário Mendonça (mesmo professor de Braz Cizesk). Tocou na Filarmônica Comercial, atuando sempre no trompete.

Em 1960 passou para o Concurso para 3º Sargento da Polícia Militar. Tocou na Sinfônica de Blumenau por três anos, e também por três anos na Orquestra Sinfônica de Santa Catarina. Antes de dar baixa na Polícia, foi designado como 1º Sargento para dirigir uma banda de 40 figuras na cidade de Canoinhas-SC, onde adquiriu conhecimento como regente.

Após dar baixa na Polícia Militar, foi convidado pela Banda da cidade de Brusque para uma turnê de dezesseis dias na Alemanha. Ao retornar, assumiu a Banda União Tijucuense, na cidade de Tijucas-SC.

No ano de 1997 foi convidado para reger a Banda Estrela do Oriente, em Orleans, pelo então Prefeito, Adolar Carboni Librelatto. Ficou na Banda pelo período de um ano, vindo a pedir demissão por falta de apoio:

No dia da apresentação da Banda, dia do aniversário de Orleans, 30 de agosto de 1998, a Estrela não tinha condições de se apresentar sozinha. Conteí com o apoio do Maestro Jeci e alguns músicos da Banda Santa Bárbara, de Lauro Muller. Pedi para a Banda do Ribeirão da Ilha, três músicos. Para minha surpresa, veio a banda inteira. A apresentação foi belíssima. Em frente ao palanque, a Banda executou o Hino Nacional. O Prefeito, por sua vez, agradeceu a todas as entidades, menos à Banda Estrela do Oriente. Esse fato, juntamente com a falta de apoio, motivou minha saída da Banda. (Nélio Cícero Muniz, entrevista realizada pelo autor em junho de 2008).

Atualmente é regente da Banda União Tijucuense, na cidade de Tijucas-SC.

4 OS ARRANJOS

Quando se aborda o assunto Arranjo, é preciso considerar, em primeiro lugar, que embora existam várias técnicas, a elaboração de um arranjo não depende exclusivamente de uma em especial, e sim da união da criatividade, conhecimento, bom senso e principalmente da experiência do arranjador.

O arranjo ou transcrição é uma adaptação de uma peça para um meio musical diferente daquele para que tivesse sido originalmente composta, conforme cita Kennedy (1994). Embora a criatividade e o conhecimento técnico sejam qualidades essenciais para um arranjador, quase nunca ele tem oportunidade de escrever livremente o que deseja, para a formação que considera adequada. Ele precisa considerar muitos fatores, como o número de músicos e naipes, principalmente em se tratando de bandas. Esta informação é fundamental para o arranjador, pelo fato que existem bandas que não possuem determinados instrumentos, ou possuem maior quantidade de um naipe e apenas um ou dois de outro.

Outro fator importante a ser considerado é o grau de dificuldade do arranjo. O arranjador precisa considerar o grau de instrução de seus músicos (iniciantes, nível intermediário ou profissional, ou os três casos em um só). Esse detalhe é de suma importância, considerando que o arranjador deve propor um material adequado a cada nível, não escrevendo um arranjo carregado de semibreves para músicos profissionais, ou um contendo diferentes ritmos e escalas difíceis para um iniciante. Desta forma, utiliza o bom senso ao escrever algo simples, ao mesmo tempo interessante e desafiador para o iniciante; e para o profissional, algo não muito virtuosístico, a não ser que queira destacar um solo específico. "A música instrumental pode ser um instrumento solo: para um solista (ou vários) com acompanhamento, ou para um conjunto instrumental em que não se destaquem solistas. E que se denomina, corretamente, orquestra" ZAMACOIS (1975, p. 6).

Saber manter o equilíbrio é um segredo dos grandes arranjadores. Uma linha muito desproporcional poderia fazer aparecer muito um naipe e esconder o outro, possibilitando às vezes até causar constrangimento entre os músicos. É preciso lembrar que, independentemente do nível de cada músico, todos são importantes, não fosse assim, cada um tocaria sozinho, não precisava tocar em grupo.

Valorizar, respeitar, acreditar e manter um espírito de corporativismo entre os músicos é muito importante para o desenvolvimento individual e do grupo como um todo. É interessante notar que, essa condição de valorização e respeito, deve ser considerada pelo arranjador, principalmente na hora em que estiver com lápis e papel na mão, pois é uma forma de manter o equilíbrio entre as vozes, de valorizar e destacar cada um dos naipes ou das linhas em algum momento da obra, com uma frase, um contra canto, uma convenção, etc. Esse poder está nas mãos do arranjador, e tem a capacidade de transferir essa idéia imaginada e idealizada no papel, para cada um dos músicos, refletindo neste, o sentimento de sua importância e valorização, e de que está contribuindo de uma forma interessante para realização da peça. Esse fator proporciona ao músico (que nas bandas, muitas vezes se tratam de crianças) a motivação de desenvolver o conhecimento, de aprimorar a técnica, e a coragem de seguir em frente.

Embora não exista uma fórmula exata para a elaboração de arranjos, é possível definir alguns padrões, levando em consideração o timbre de cada instrumento, sua tessitura e sua mecânica, mas sempre lembrando que a conclusão do trabalho depende da visão do arranjador.

Nas Big-Bands, bandas de concerto e Orquestras são comuns o uso da seção rítmico-harmônico (Base) conforme Ian Guest (1996). Ainda conforme o autor (1996, p. 69):

A base ou centro do som do conjunto ou da orquestra é o que os músicos chamam de 'levada', onde se mesclam os instrumentos de percussão (inclusive a bateria), por um lado e os instrumentos harmônicos (teclados, violões, guitarras, vibrafone, contrabaixo, etc.), por outro, formando a seção 'rítmico-harmônica'. Essa combinação sonora a tal ponto depende do bom gosto na mistura dos elementos tímbricos, rítmicos e harmônicos que os músicos lhe conferiram o apelido carinhoso de 'cozinha', local notório dos ingredientes bem dosados.

Atualmente, a seção rítmico-harmônica está sendo usada por quase todas as bandas, independente de sua classificação. No entanto, conforme a Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras (2008), órgão responsável pela regulamentação dos concursos e festivais de bandas no Brasil, com exceção da percussão e da bateria, a seção rítmico-harmônica não é permitida; a inclusão desses instrumentos na banda ainda é considerada uma inovação. O arranjador deve estar atento a este detalhe: na falta da seção rítmico-harmônica, ele precisa adequar o arranjo para a instrumentação disponível. Um dos fatores determinantes para este fato, é que as bandas estão relacionadas, tradicionalmente, a desfiles, sendo que a forma física dos instrumentos de sopro, desde os mais agudos, como o flautim e a requinta, até os mais graves, como o bombardão e o contrabaixo, são de tal forma estruturados que permitem serem manejados em movimento, inclusive com suporte para partitura, embora a maioria dos músicos, em desfiles, prefira tocar “de memória”. Já os instrumentos da seção-rítmica como a guitarra, teclados, o contrabaixo elétrico, o contra baixo acústico, e a própria bateria, não são construídos com objetivo de ser executados em movimento; alguns deles são pré-amplificados, ou seja, necessitam de amplificação sonora, o que torna o uso desses instrumentos em desfiles, um procedimento incompatível. Um instrumento harmônico que é perfeitamente adaptado para tocar em movimento e que é usado pelas bandas de tradição alemã em festas e desfiles (como a Oktoberfest⁴ na Região de Blumenau) é o acordeom. No entanto não existe nem uma citação a respeito do uso do acordeom no regulamento da Confederação Brasileira de Bandas e Fanfarras, assim como também, não há registro de bandas que fizeram uso deste instrumento em concursos.

⁴ Os Desfiles na rua XV de Blumenau são uma das maiores atrações da festa, encantando a todos por sua riqueza cultural, apresentando carros de grupos folclóricos, de caça e tiro, a rainha e princesas da Oktoberfest, além das máquinas exóticas, bandas e fanfarras. A música tradicional alemã ainda hoje faz parte da vida de todos os blumenauenses. Não há baile ou festa em que ela não integre o repertório. Na Oktoberfest ela é peça fundamental, e sua maior graça é ouvi-la tocada pelas bandas típicas, com o sotaque característico de Blumenau. (www.oktoberfestblumenau.com.br)

4.1 PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DE LINGUAGEM ESTILÍSTICA E RECUPERAÇÃO DOS ARRANJOS E COMPOSIÇÕES DA BANDA ESTRELA DO ORIENTE

Como já citei acima, muitas peças, entre arranjos e composições, se perderam por completo. Cataloguei cerca de quatrocentas peças do repertório da Banda Estrela do Oriente, sendo que, aproximadamente quarenta são composições. Dessas, a grande maioria, cerca de 90%, está incompleta, possuindo na maior parte das vezes apenas uma ou duas partes (de um ou dois instrumentos, como a parte do trompete e a parte do trombone, por exemplo). São as peças referentes à Banda antiga (referência até o ano de 1974).

No período em que a Banda esteve sob a regência dos Maestros Braz Cizesk e Zezinho Nunes, referentes ao período em que fui testemunha ocular, justamente por eu guardar e preservar as partituras, os arranjos são os mais completos, alguns, com todas as partes.

Através de análise comparativa musical⁵ e audição, estudei diversos arranjos, da Banda Estrela do Oriente, bandas da região⁶, arranjos, composições e gravações de Alfredo da Rocha Vianna (Pixinguinha)⁷, além da

⁵ “Neste campo de análise, se realiza a comparação entre as diversas unidades. O que deve ser investigado é o conteúdo de cada segmento. Para que a análise comparativa seja aplicada, devem ser considerados os seguintes modos de comparação: Identidade: ocorre quando um segmento é totalmente igual a outro. Semelhança: ocorre quando existe pouca diferença entre os elementos que formam as unidades. Diferença: ocorre quando há duas unidades que, aparentemente não tem nada em comum entre si, análise paramétrica.” FREITAS (2005, p. 82).

⁶ Cruzeiro do Sul, banda do Colégio São Bento, do colégio SEDUP, da SATIC, banda do Exército da cidade de Criciúma; banda Santa Bárbara, de Lauro Muller, União Tijuquense, de Tijucas, banda da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, banda do Ribeirão da Ilha de Florianópolis.

⁷ Alfredo da Rocha Vianna (Pixinguinha) nasceu a 23 de abril de 1897 na Piedade-RJ. Seu pai, músico amador, conviveu com os maiores músicos da época. Pixinguinha cresceu nesse ambiente, e já em 1912, profissionalizou-se participando de diversos grupos. Fundador dos Oito Batutas, compositor, arranjador, regente, cantor, orquestrador, considerado “Pai da Orquestração Brasileira”, foi um dos maiores flautistas brasileiros de todos os tempos. Quando trocou a flauta pelo saxofone, passou a improvisar, desta vez, como acompanhador. Criou um contraponto tão requintado e sofisticado que muitas vezes supera a melodia executada pelo solista. Segundo Itiberê (2005), o contraponto feito por Pixinguinha é um dos elementos mais complexos e de maiores consequências estéticas que existe na música brasileira.

audição de arranjos e composições para bandas e orquestras dos mais variados gêneros e períodos da história da música. Com tal análise, foi possível o reconhecimento de um padrão básico de distribuição de vozes para determinados instrumentos. Cito neste trabalho, o padrão utilizado pela Banda Estrela do Oriente, o qual obedece, aproximadamente, à seguinte ordem: baixo, barítono, bombardino, clarinete, flügelhorn, requinta, saxhorn, sax-alto, sax-tenor, e trombone e trompete.

4.1.1 Baixo (bombardão, sousafone, tuba)

O baixo toca as notas mais graves do arranjo, seja em posição fundamental ou em alguma inversão⁸. A linha do baixo faz um contraponto com a linha melódica:

A própria palavra ‘contrabaixo’ é a abreviação de ‘contracanto baixo’. A linha do baixo é tão ‘forte’, tão melodiosa, que sugere, representa ou até substitui a harmonia. Na inspiração dos compositores, a linha do baixo pode surgir primeiro, e a harmonia é feita em função dessa linha (GUEST, 1996, p. 95).

Na música popular, a linha de contraponto realizada pelo baixo, geralmente é mais movimentada do que na música erudita, possui mais *swing*, a exemplo do baixo de samba, de baião, *jazz*. Também na música popular, em especial no choro, a linha do baixo, que no regional⁹ é feita pelo violão sete cordas, recebe um tratamento especial e sofisticado, que resulta em um dos mais belos e complexos recursos de contraponto da música brasileira.

⁸ Quando numa mudança de posição a Fundamental do acorde deixa de ser a nota mais grave, temos uma inversão, ou seja, quando uma das notas de um acorde – a terça, a quinta, a sétima menor e ainda a nona menor, ou alguma outra nota de tensão aparecem num baixo, diz-se que este acorde está invertido. A inversão significa então, um tipo de mudança de posição de ordem mais complexa, onde a configuração de terças super postas do acorde inicial, fica um pouco mais embaralhada. Essa “desordenação” é, no entanto, um dos recursos mais básicos, belos e queridos da arte musical. SCHOEMBERG (1920, p 55)

⁹ Grupo musical de choro que tradicionalmente é formado pelo violão sete cordas (contraponto na linha do baixo), violão de seis cordas (harmonia, e às vezes dobra a linha do sete cordas em terças.), cavaquinho (centro, harmonia, levada rítmica), bandolim ou flauta (melodia) e o pandeiro (ritmo).



Figura 19: Sala de recepção, melodia e linha do baixo (sete cordas).
Música de Cartola. Arr: Paulovik Debiasi

Fonte: arquivo pessoal.

4.1.2 Barítono

O Barítono geralmente afinado em dó e sib. Corresponde à viola na orquestra, pertencendo à família do bombardino: trompa, barítono, bombardino e bombardão.

Devido a sua característica de timbre e de sua tessitura, além de tocar sua própria linha, pode dobrar os trompetes em oitava ou em uníssono, os bombardinos, trombones, trompas e inclusive os baixos, ou seja, pode fazer a melodia, harmonia rítmica e até a linha do baixo, além de, em alguns casos,

solar. Nas bandas geralmente não passam de um ou dois, e no caso de solar, ou fazer algum contraponto exclusivo, se necessário, algumas vezes são dobrados pelo clarinete, pelo flug e sax. Quando dobrado pelo clarinete, além de os timbres se combinarem, o clarinete não se evidencia mais que o barítono. Se o barítono for dobrado pelo trombone, ainda no caso de solo, daria impressão que o mesmo seria para o trombone, e não para o barítono.

Também é comum o barítono dobrar o trombone-canto, que por hora faz a melodia emendando com alguns contracantos, que dobram por vezes o bombardino, o baixo, e os trompetes.

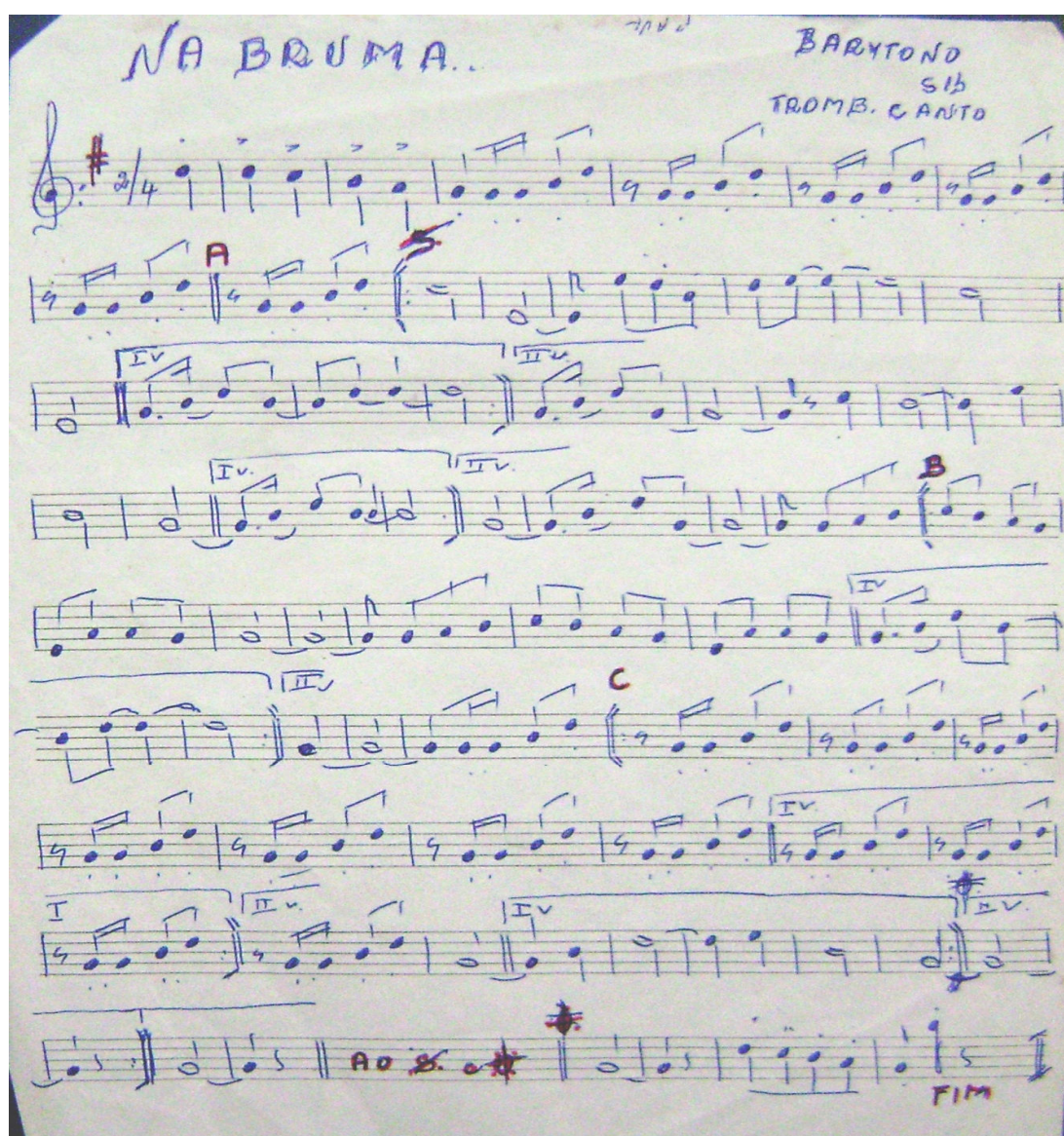


Figura 20: Anunciação, parte do barítono e trombone canto.
Música de Alceu Valença. Arr: Zezinho Nunes.

Fonte: arquivo pessoal.

4.1.3 Bombardino

O bombardino, geralmente afinado em dó e sib. É um dos mais completos instrumentos da banda, o qual equivale a um violoncelo na orquestra. Assim como um violoncelo possui a mesma afinação da viola, uma oitava abaixo, o bombardino possui a mesma afinação do barítono, uma oitava abaixo.

Devido a sua qualidade timbrística e sua tessitura, pode se ocupar de todas as funções. Tem um timbre parecido com o do o trombone, porém, mais suave e aveludado. Geralmente os bombardinos ficam com a parte de contraponto, preparações, contracantos e melodias secundárias. Considera-se esta, a parte que exige maior conhecimento técnico e criatividade. Compara-se ao contra-sujeito de uma fuga¹⁰.

Pode dobrar desde os trompetes até o contrabaixo, e até substituí-los, principalmente os de quatro pistos. Pixinguinha em seus arranjos para bandas usava o bombardino e os baixos para fazerem a linha do violão sete cordas.

Figura 21: O bêbado e a equilibrista, parte do bombardino.

Música de João Bosco e Aldir Blanc. Arr: Paulovik Debiasi.

Fonte: arquivo pessoal.

¹⁰ Contra-sujeito é um contraponto preferencial feito para acompanhar o tema, sempre que ele se ouve. É um contraponto invertível com o tema, assim, deve poder estar em qualquer voz, ou seja, embaixo ou em cima do tema.

4.1.4 Clarinete

Nas bandas, os mais usados são os afinados em sib de 17 chaves, porém, existem várias configurações.

Instrumento de palheta, na orquestra faz parte das madeiras, possui a tessitura mais extensa de todas as madeiras. O clarinete possui vários recursos, grande agilidade, ideal para arpejos, trinados, ornamentos, saltos, etc. Nas bandas, pode ocupar diversas funções. Em alguns casos faz a melodia uma terça acima da melodia principal, recurso este de grande beleza.

Devido a sua qualidade de timbre, que só possui os harmônicos ímpares, é possível se utilizar o clarinete na harmonia ou até mesmo em dobramentos da melodia, para um recurso de timbre que soa como um *reverb* natural, efeito que proporciona um requinte especial ao timbre como um todo. Além disso, seu timbre proporciona uma extensão de dinâmica excelente, principalmente nos “pianíssimos”, além de possuir o recurso de “portamento”, um dos seus mais importantes e conhecidos recursos.

Nas bandas, além de muitas vezes possuírem uma linha exclusiva, podem dobrar o trompete, flug, barítono, bombardino e sax.

4.1.5 Flügelhorn

O flügelhorn é afinado em sib.

Ele possui a mesma tessitura do trompete. Diferencia-se deste principalmente pelo timbre mais aveludado, suave e menos brilhante, como se fosse um trompete com um tipo especial de surdina (tem também algo de sonoridade da trompa). Por causa dessas características, flügelhorn é, muitas vezes, encarregado de executar temas de caráter lírico (ALMADA, 2000, p. 185).

Nas bandas marciais, o flügelhorn às vezes faz a parte dos clarinetes das bandas musicais, também é comum dobrarem os bombardinos nos contra cantos, as trompas na harmonia-rítmica, e substituir os trompetes em melodias mais suaves, como se fosse um violino com surdina.

4.1.6 Requinta

A requinta é afinada em mib. Constitui parte da família da clarinete. Possui os timbres mais agudos da banda. De modo geral, ficam com a parte de ornamentação, trinados, alguns efeitos, além de trabalharem nas harmonias, melodias e dobramentos.

Seu uso é quase que exclusivo em bandas, e assim mesmo, atualmente, este instrumento encontra-se em certo desuso.

A requinta possui a mesma mecânica da clarinete, porém é menor e devido à qualidade de seu timbre e sua tessitura, é de difícil afinação, exigindo assim, do executante, um ouvido apurado.

A requinta na banda equivale ao flautim na orquestra.

4.1.7 Saxhorn (Trompa)

O Saxhorn é afinado geralmente em mib. É da família do bombardino: trompa, barítono, bombardino, bombardão. A trompa, diferentemente do barítono, bombardino e bombardão, que equivalem em termos de tessitura e escrita à viola, cello e baixo na orquestra, embora possua o registro agudo desse naipe, não equivale ao violino na orquestra, o qual fica a cargo do trompete.

Geralmente fazem a parte da harmonia, mais especificamente da harmonia rítmica (seção rítmico-harmônica, base). Faz a levada rítmica, podem dobrar o ritmo da percussão, do tamborim, do agogô, entre outros. Por exemplo, em uma marcha faz o contra tempo, em um samba fazem a parte de “levada” do violão ou do cavaco, nas bandas sempre se faz necessário pelo menos duas ou três trompas, que podem ser auxiliadas em primeiro plano pelos flugs, bombardinos, trombones, mas também pelos clarinetes, barítonos, flautas, trompa sinfônica, sax alto, tenor, soprano.

Na parte “B”, geralmente são dobradas pelos trompetes, raramente solam, nem por isso são menos importantes. São as trompas que determinam o *swing* da música, a levada, que faz reconhecer se é um baião, samba, bossa-nova, choro, *jazz*, entre outras.

[illegible]

Figura 22: Dobrado Sebastião Nunes, parte das trompas. Composição e arranjo de José Evaristo Nunes.

Fonte: arquivo pessoal.

MELODIA

TROMPAS

BOMBARDINO

BAIXO

Figura 23: O bêbado e a equilibrista, parte das trompas.
Música de João Bosco e Aldir Blanc. Arr: Paulovik Debiassi.

Fonte: arquivo pessoal.

4.1.8 Sax Alto

O Sax Alto mais usado é o que possui afinação em mib. Também possui o timbre agudo. É comum dobrar os trompetes ou fazer blocos com eles, ou então dobrar o sax tenor. É importante ressaltar que nos arranjos analisados, a parte do sax alto caminha junto com a do trompete na parte "A" da peça, já na parte "B", os trompetes dobram as trompas, enquanto que o sax alto dobra os trombones e sax tenor, tocando na primeira oitava (a mais grave).

The image shows a musical score for a piece titled "Dobrado Sebastião Nunes, parte B" by Zezinho Nunes. The score is for a band and features a Sax Alto part that is highlighted with a blue box and a red annotation: "Sax-auto. Parte 'B'. Tocando na 1ª oitava". The score includes staves for Trompete, Trompas, and Sax Alto. The key signature is C major (Cm) and the tempo is marked "2. Cm". The Sax Alto part is written in a higher register than the other instruments, indicating it is playing an octave higher. The score is marked with various dynamics including sfz, ff, mf, and f.

Figura 24: Dobrado Sebastião Nunes, parte B, com destaque para o Sax Alto dobrando a melodia na 1ª Oitava.
Arr: Zezinho Nunes

Fonte: arquivo pessoal.

4.1.9 Sax Tenor

O Sax Tenor mais usado é afinado em sib. Pode dobrar o trompete, o sax alto, fazer blocos com eles, mas, devido a sua tessitura, também pode dobrar o trombone, o bombardino e até o baixo.

Na parte “A” pode dobrar o trompete em uníssono, se tocar na segunda oitava ou, uma oitava abaixo, se tocar na primeira oitava, junto com a linha do trombone solo. Na parte “B”, dobra o trombone e bombardino na primeira oitava.

4.1.10 Trombones

Os trombones possuem algumas divisões. Uma parte dos trombones, os em sib, por vezes recebem o atributo de “trombone solo”, dobrando o trompete uma oitava abaixo.

De um modo geral na parte “A” os trombones fazem alguns contra cantos com os bombardinos, harmonia ou uma versão da melodia reduzida. Na parte “B” da música, fazem a melodia principal, uníssono, em terças ou em blocos, junto com os bombardinos, barítonos sax tenor, e às vezes, até o baixo. Quando há uma parte “C”, voltam ao padrão “A”.

The image shows a handwritten musical score for a Trombone (B) part. The score is written on three systems of staves. The first system is marked with a Roman numeral 'II' and the instrument name 'B TROMBONE'. The second system is marked with a Roman numeral 'I'. The third system is marked with a Roman numeral 'II'. The music is written in 4/4 time and has a key signature of one flat (B-flat). The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and dynamic markings like 'p' (piano) and 'f' (forte). The score is written in blue ink on aged paper.

Figura 25: Anúnciação, indicação da parte "B" para solo dos trombones.
Música de Alceu Valença. Arr: Zezinho Nunes.

Fonte: arquivo pessoal.

Handwritten musical score for Trombone, titled "Versão reduzida da melodia". The score is written on three systems of three staves each. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and accidentals, with some parts highlighted in red ink. The score is marked with Roman numerals I and II, and includes a section labeled "B". The first system is labeled "II" and "Versão reduzida da melodia". The second system is labeled "I". The third system is labeled "II" and "B".

Figura 26: Madalena, versão reduzida da melodia para o trombone.
Música de Martinho da Villa. Arr: Zezinho Nunes.

Fonte: arquivo pessoal.

Existem dois tipos de trombone, os de pisto ou válvula e os de vara. Ambos possuem vantagens e desvantagens. Nas orquestras sinfônicas e nas *Big-Bands* são usados apenas os trombones de vara, já nas bandas marciais e sinfônicas não há restrições.

O trombone de pisto tem a facilidade da mecânica. Além de ser um instrumento temperado, tem escala logarítmica ou cromática, o que significa que da nota dó passa direto para o dó sustenido ou para o si natural, embora também possua recursos para o glissando. É ideal para passagens rápidas, escalas e arpejos.

Já o trombone de vara tem uma maior tessitura principalmente nos graves. Enquanto o trombone de pisto vai até o sol, o de vara vai até o mi grave; o trombone de vara tem um timbre mais encorpado, mais definido, principalmente nos graves, possui escala deslizante, como um violino, por isso exige do aluno ouvido apurado. É ideal para solos, melodias, contracantos, mas não é aconselhável para passagens rápidas¹¹.

4.1.11 Trompetes

Os trompetes mais usados são os afinados em sib. Possuem o timbre médio-agudo, fazem a parte mais aguda da melodia. Correspondem aos primeiros e segundos violinos na orquestra, e essa equivalência por si só, já revela sua hierarquia. Geralmente fazem a melodia principal da parte “A” da música. Na parte “B” geralmente dobram as trompas e voltam para a melodia principal na parte “A” ou em alguns casos na parte “C”.

Através de análises e audições pode-se reconhecer um padrão de comportamento e organização de distribuição de vozes para determinados naipes relacionados à altura do som em que os instrumentos de registro agudo estão relacionados à melodia, o de registro médio à harmonia, e o baixo à um

¹¹ No caso de em um arranjo ter uma passagem rápida com a escala de dó maior ascendente e descendente, no trombone de pisto a execução é feita com extrema facilidade, pois só é preciso um único sopro, e as notas são mudadas pelo movimento dos dedos nos três pistos. Até um aluno iniciante poderá realizá-lo com facilidade. Se fosse ao trombone de vara esse trecho exigiria um virtuosismo quase impossível de se alcançar, porque para cada nota seria necessário um sopro, as notas saem em forma de *stacatto* e não *legatto*. Do ponto de vista da mecânica, no caso do trombone de pisto utilizam-se apenas os dedos; já o de vara depende do antebraço. Esse é um detalhe importantíssimo que deve ser levado em conta pelo arranjador.

contraponto com a melodia. Essa condição de distribuição de vozes, que faz parte da história da música tonal ocidental e tradicional européia, desde a renascentista até os dias de hoje, não é, todavia, um conceito absoluto. “O compositor combina a seu gosto o ritmo, a melodia e a harmonia” (ZAMACOIS, 1975, p. 6).

Na música erudita, assim como também na música popular, essa formulação pode sofrer as mais diversas configurações. Existem peças que nem especificam que instrumentos devem ser utilizados para execução: “grande parte da música medieval e renascentista é claramente aleatória em relação ao instrumental, ou permite ao menos uma gama de seleção” (PISTON, 1984, p.10). Essa condição de não indicação de instrumentos é comum na música popular.

Na música erudita e também na popular, quando o compositor ou o arranjador indica os instrumentos, ele pode fazer uso da configuração que achar conveniente, para expor melodia, harmonia e contraponto.

O Bolero de Ravel, de Maurice Ravel, popularmente conhecido, é um ótimo exemplo de arranjo, pois a orquestração é alternada desde o início até ao fim da obra.

4.2 DOBRAMENTOS

Nos arranjos e composições para bandas e orquestras, no mais das vezes, acontecem simultaneamente quatro ou cinco contrapontos rítmicos. Podem ocorrer dobramentos que mantêm a mesma divisão rítmica, mas não a mesma altura, é o caso de se usar melodia em blocos¹², sem contar percussão e bateria. Se uma banda possui sessenta e oito figuras, não significa que o arranjador tenha que escrever sessenta e oito contrapontos, ou seja, uma melodia exclusiva para cada instrumento.

É difícil escrever uma bela melodia. Mais difícil ainda é escrever diversas belas melodias que, entoadas simultaneamente, soem como um todo polifônico ainda mais belo. As estruturas internas criadas para cada uma das vozes, precisam contribuir, separadamente para a

¹² “Dois ou mais instrumentos tocam em bloco quando executam vozes diferentes na mesma divisão rítmica da melodia. A voz superior (1voz) toca, geralmente a melodia e as inferiores utilizam notas da escala do acorde” (GUEST, 1996, p. 13).

estrutura polifônica emergente a qual, por sua vez, precisa reforçar e comentar as estruturas das vozes individuais (RAHN, 2001, p.177).

Os dobramentos são realizados geralmente por instrumentos iguais e equivalentes. Os instrumentos de tessitura aguda são dobrados por instrumentos de tessitura aguda, e assim sucessivamente, com os de tessitura média e grave, isso no caso de tocarem em uníssono. No caso de tocarem em blocos ou em oitavas, os dobramentos podem possuir as mais diversas configurações. Faz-se necessário observar, que podem ocorrer dobramentos em uníssono por instrumentos de tessituras diferentes, por exemplo: um sax tenor tocando na segunda oitava pode dobrar em uníssono um sax alto tocando na primeira oitava.

Outro fator importante, talvez o mais importante nos dobramentos é a qualidade de timbre.

Não soa igual um violino e dezesseis violinos, e isto não só pela quantidade de som em si, mas por outras razões: as levíssimas diferenças de afinação criam uma banda de frequências mais ampla que a emitida por um só instrumento. Essas mesmas diferenças uma conseqüente mistura dos harmônicos, que somados aos que se originam pelas diferenças de intensidade entre cada instrumento, produzem uma modificação claramente perceptível do timbre (PISTON, 1984. p.12).

O dobramento provoca uma mudança de qualidade de timbre, mudança essa muito mais relacionada a um fator da acústica, no que diz respeito à qualidade do som, do que o fator relacionado à intensidade do som.

4.3 ANÁLISE DOS ARRANJOS DA BANDA ESTRELA DO ORIENTE

Os arranjos analisados da Banda Estrela do Oriente, em sua maioria, foram escritos pelo Maestro José Evaristo Nunes, alguns pelos Maestros Braz Cizesk, Osvaldo Pfützenreuter, Altair Cascaes, entre outros; seguem esses padrões genéricos citados acima, com algumas particularidades, que em alguns casos, presenciei como testemunha ocular, observando e sendo receptivo aos ensinamentos do Maestro Braz e do Maestro Zezinho.

Depois que eu consegui uns vinte músicos eu disse para mim mesmo 'e agora o que é que eu faço? Que música que vou dar para eles tocarem? Lembro que fui a São Paulo levar alguns instrumentos para arrumar, e eu estava na casa de um tio e pensando na performance de cada músico, eu precisava fazer um arranjo, mas eu tinha que

adaptar um arranjo à habilidade dos músicos, eu não podia complicar e tinha que conhecer a potencialidade de cada músico, de cada área, das trompas, dos trompetes, trombones, enfim de todos eles. (Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril de 2008).

Muitas das composições dos maestros da “Estrela” eram pensadas e construídas exclusivamente de acordo com a qualidade e personalidade de seus músicos. “Baseado nessa percepção, eu criei o Coronel Vieira, que é o nome de um dobrado que eu realizei para a Banda” (Braz Cizesk, entrevista realizada pelo autor em abril de 2008).

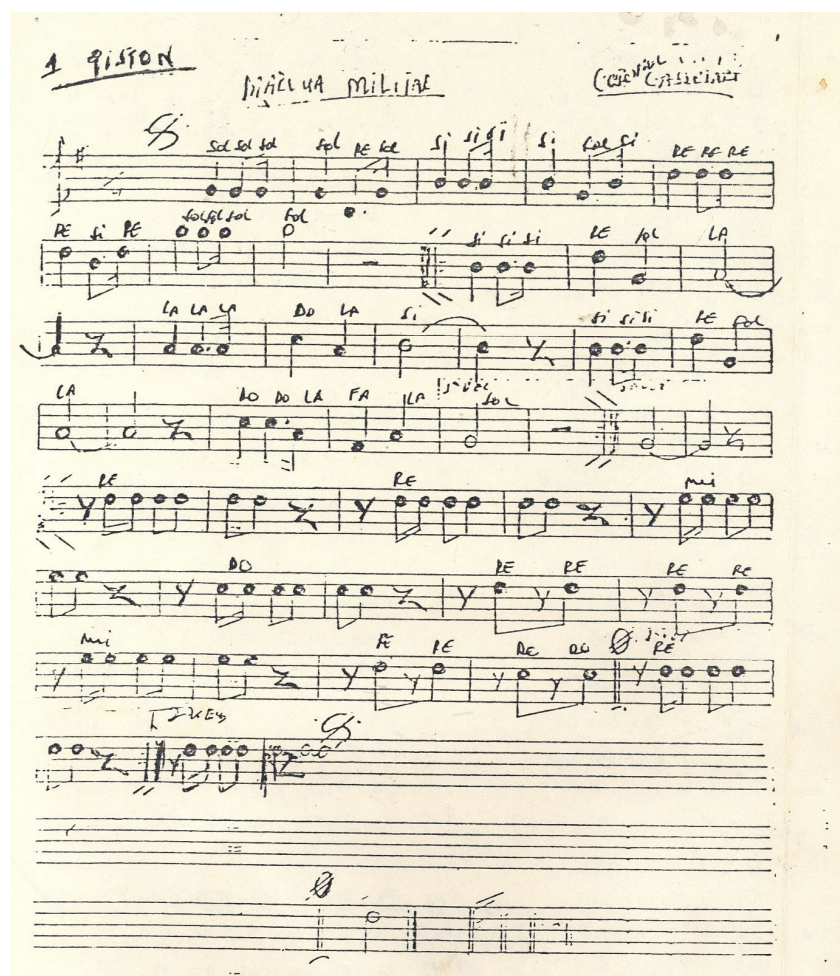


Figura 27: Coronel Vieira, que aqui recebe o nome de Marcha Militar.

Fonte: arquivo pessoal.

Essa composição foi realizada para a Banda de Orleans e também para a Banda de Urussanga. O título Coronel Vieira, foi em homenagem ao prefeito de Urussanga na época, para a Banda de Orleans o maestro mudou o título para Marcha Militar.

Foram considerados para análise, os seguintes itens: elaboração, escrita, instrumentação, harmonia e repertório.

4.3.1 Elaboração

A elaboração do arranjo era planejada a partir da escolha da peça, que podia ser inclusive uma composição do maestro da “Estrela”, ou de outros músicos e maestros da região. Partia-se da partitura da melodia com os acordes, ou da partitura para piano, ou ainda, no caso de não se possuir a partitura da melodia e cifra, as músicas escolhidas para o arranjo eram em grande parte transcritas de ouvido. Daí por diante, se pensava na condução e distribuição das vozes, na harmonia e no ritmo. Também era considerado para qual fim seria aquele arranjo, que poderia ser para um desfile, uma apresentação pública, uma festa, um cortejo, ou alguma data comemorativa.

4.3.2 A escrita

Os arranjos e composições eram todos escritos à mão. Na Banda antiga, as partituras eram escritas com caneta de pena. Naquela época não havia máquinas copiadoras, todas as partes individuais eram escritas e copiadas a mão. Ainda hoje existem arranjadores que preferem escrever tudo mão. No entanto, nos dias de hoje, é quase impensável um compositor ou um arranjador não se utilizar de alguns recursos e tecnologias disponíveis, mas é bom lembrar que caderno, lápis e borracha, ainda são ferramentas fundamentais para um arranjador.

Alguns conselhos práticos à elaboração gráfica: - Quem possui um computador, deve reservar o seu uso para o acabamento e cópias do arranjo. O processo criativo, artesanal e imprevisível, se apóia nas ferramentas lápis-borracha sobre o papel, tão maleáveis e vulneráveis quanto à própria inspiração (GUEST, 1996. P.128).

Se por um lado a tecnologia veio facilitar o trabalho no que se refere à escrita, tornando possível, por exemplo, que o conteúdo se torne legível para todos, o que nem sempre ocorre na escrita manual, por outro lado, a arte da escrita perdeu a identidade pessoal do artista. A escrita manual vem carregada

de uma personalidade única, um charme especial, uma identidade intransferível e inigualável, um artesanato. Uma partitura escrita à mão já é por si só uma obra de arte. Contudo, o que vale mesmo é o que foi escrito e não como foi escrito.

As partituras que analisei foram todas escritas a mão, e pela caligrafia foi possível identificar, com ajuda de alguns músicos da Banda antiga, quem os escreveu. Além disso, é possível observar ali os erros, os rascunhos, correções e até o estado emocional naquele momento. Pela caligrafia é possível perceber, por exemplo, quando o maestro estava com pressa (escrita mal feita, rasurada), ou com calma (escrita com cuidado, perícia, delicadeza, atento a detalhes).

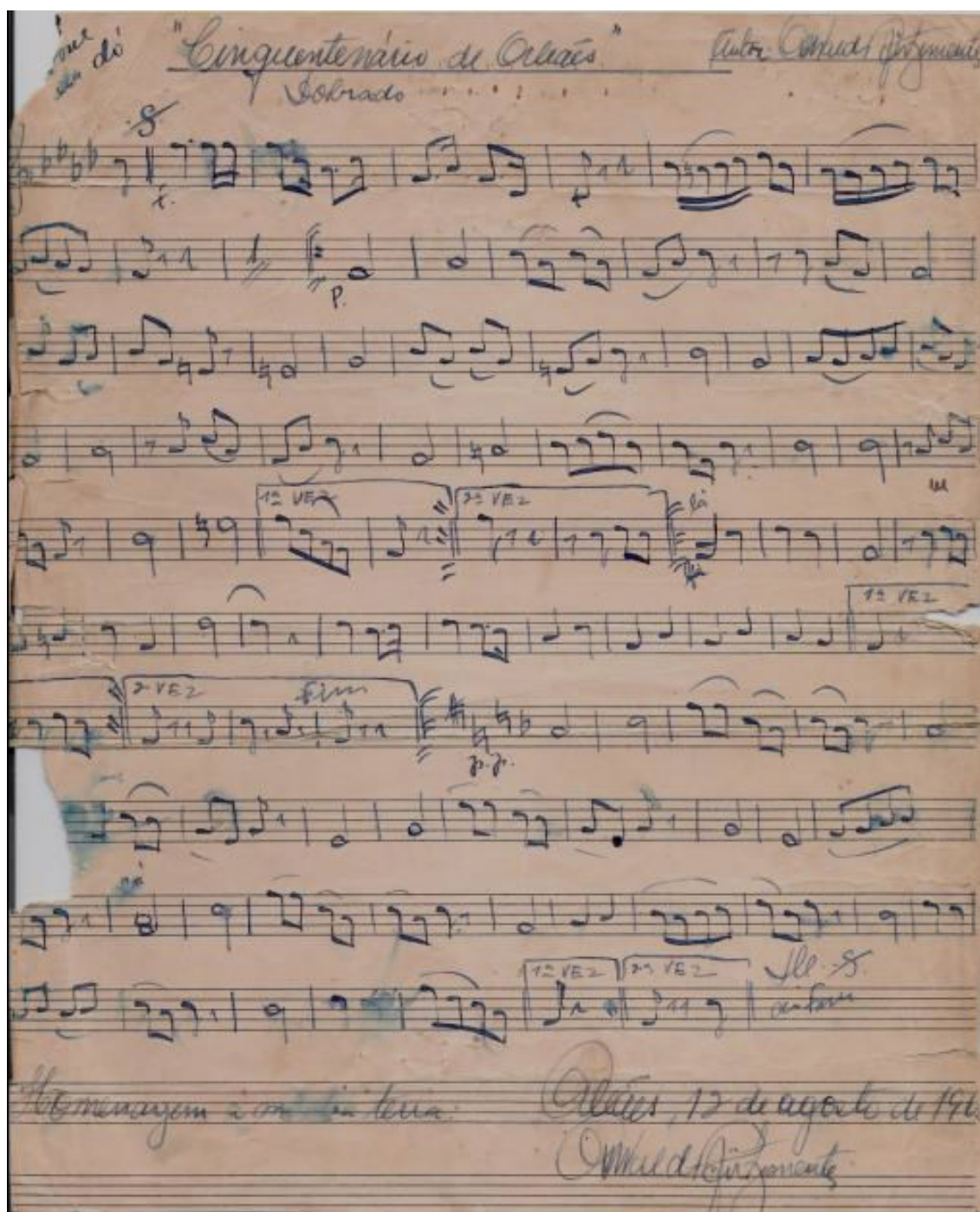


Figura 28: Cinquentenário de Orleans. Caligrafia do seu Vadico

Fonte: arquivo pessoal.

Ainda em relação à escrita, os arranjos recuperados na maioria dos casos não possuem, na íntegra, a parte de todos os instrumentos. Os arranjos não eram escritos em uma grade completa, mas sim de forma reduzida com no máximo quatro sistemas, onde se encontram a melodia, alguns contra cantos, harmonia e linha do baixo.

I

BOAS FESTAS

The musical score is handwritten on aged paper. It consists of four systems, each with three staves. The first system begins with a treble clef, a key signature of one flat (B-flat), and a 2/4 time signature. The melody is written in blue ink on the top staff, and the accompaniment is in red ink on the middle and bottom staves. The second system features a repeat sign and a first ending bracket. The third system includes a second ending bracket and a key signature change to one sharp (F#). The fourth system continues the melody and accompaniment. The score is marked with various musical notations, including notes, rests, and accidentals.

Figura 29: Boas Festas, grade reduzida.
Música de Assis Valente. Arr: José Evaristo Nunes.

Fonte: arquivo pessoal.

A grade reduzida consistia em:

- no primeiro sistema se encontra a melodia, que geralmente era dobrada uma terça abaixo;
- no segundo sistema se encontram os contracantos, preparações, convenções. Também é comum encontrar no segundo sistema, uma versão da melodia um pouco mais simplificada, que funciona como um recurso de contraponto muito interessante, ao mesmo tempo em que atua como uma outra voz; reforça a melodia principal nos tempos fortes, ataques e convenções. Essa versão reduzida da melodia geralmente era feita pelos trombones;
- no terceiro sistema se encontra a parte da harmonia rítmica. Também é comum encontrar essa parte na segunda linha;
- no quarto sistema, a parte do baixo. É comum encontrar nessas reduções de grade a mistura de vozes em uma mesma linha, que por vezes eram escritas em cores diferentes;

Desta grade reduzida é que saía todo o arranjo, era analisado como seriam distribuídas as partes individuais, que poderiam sofrer algumas mudanças e adaptações, conforme a situação.

4.3.3 Instrumentação

Em relação à formação da Banda, os arranjos não possuem, na íntegra, a parte de todos os instrumentos, porém, através da minha convivência na Banda, realização de entrevistas e pesquisa, em documentos citando o nome dos integrantes da Banda e seus respectivos instrumentos, pode-se chegar a um resultado satisfatório.

A Banda Estrela do Oriente, em nenhuma de suas formações, possuía sessão rítmico-harmônica, com exceção da percussão. Sua formação era composta por: Requinta, clarinete, sax alto, trompete, trompa (saxhorn), trombone de pisto, sax tenor, barítono, bombardino e contrabaixo. Nos arranjos da Banda não há indicação para outros instrumentos que não sejam esses.

Não era comum o uso de trombone de vara na Banda Estrela do Oriente, o único músico que tocava esse instrumento na Banda era eu mesmo.

No sistema de grade reduzida utilizada pelo Maestro Zezinho Nunes citado acima, as vozes eram distribuídas na maior parte das vezes da seguinte maneira:

- a linha da melodia era distribuída para os trompetes, sax alto, requinta e clarinetes;

- a linha dos contracantos ficava para os bombardinos, barítono, trombone e sax tenor, que por vezes também dobravam a primeira linha;
- a linha da harmonia rítmica ficava com as trompas que na parte “B” eram dobradas pelos trompetes;
- a linha do baixo era feita pelo baixo e às vezes auxiliada pelo bombardino.

4.3.4 Harmonia

Nos arranjos da Estrela, não há seção-rítmica, desta forma, a harmonia geralmente é conduzida pelas trompas (na maioria das vezes em duas vozes, tônica e terça), auxiliadas por arpejos e contracantos feitos pelos trombones, barítono e bombardinos, e na parte “B”, os trompetes reforçam a linha das trompas, adicionando alguns contracantos.

A harmonia é conduzida de forma simples, não há rearmenizações, empréstimo modal, uso de tensões, como b13, b9, #11, # 9, nem o uso de melodia em bloco, com exceção dos arranjos do Maestro Braz Cizesk, que usava melodia em bloco, a três vozes.

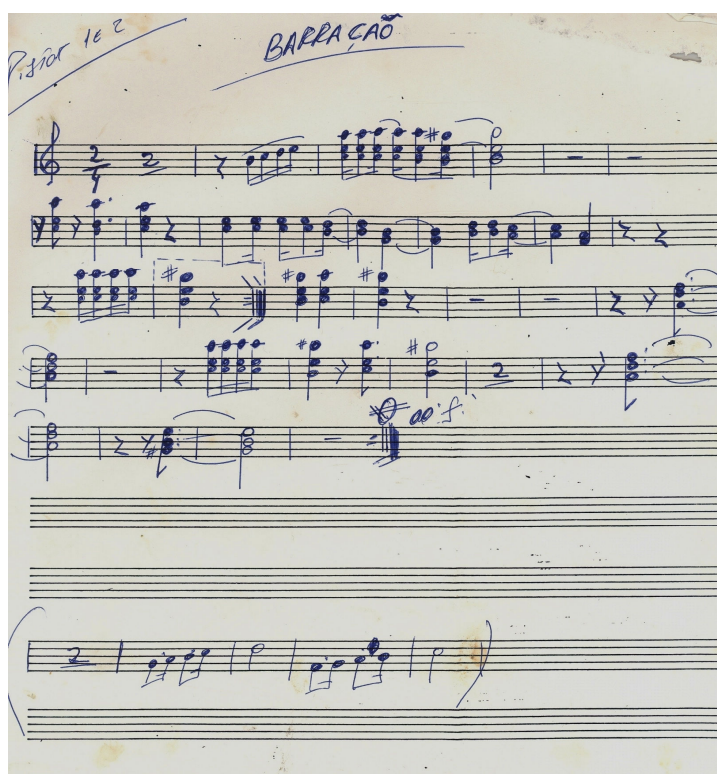


Figura 30: Barracão, parte dos trompetes, melodia em bloco. Música de Luiz Antônio e Oldemar Magalhães. Arr: Braz Cizesk.

Fonte: arquivo pessoal.

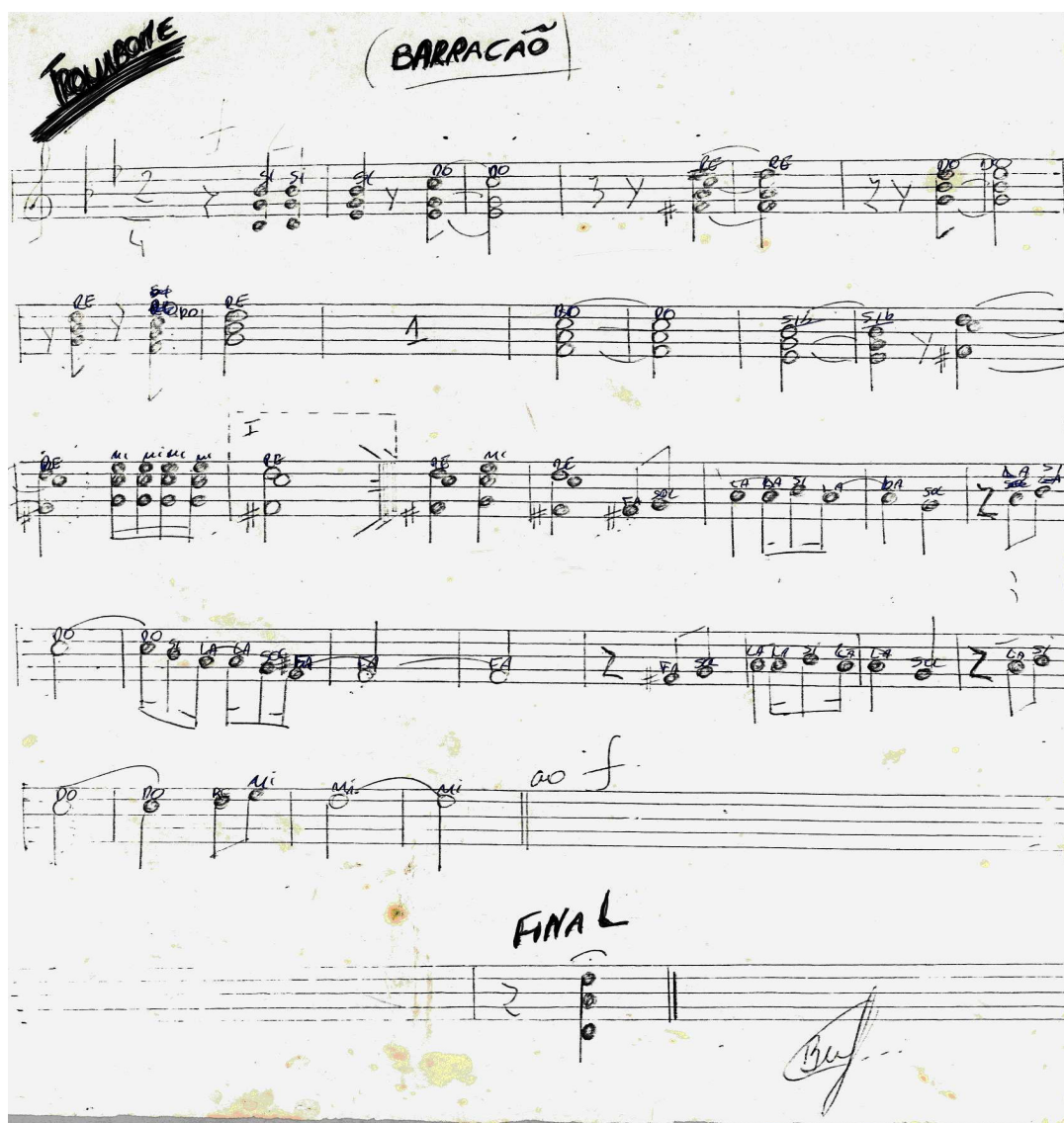


Figura 31: Barracão, parte do trombone, harmonia e melodia em bloco II.
Música de Luiz Antônio e Oldemar Magalhães. Arr: Braz Cizesk.

Fonte: arquivo pessoal.

Nos acordes de função tônica¹³ e de subdominante, foram encontrados acordes com uso das tensões “sexta” e “nona”, o uso dessas tensões é feito em cima de acordes arpejados, e nunca em posição de notas superpostas.

¹³ “A Teoria Funcional, para a qual ‘só existem três classes de funções harmônicas’ entende que para o pólo conceptual ‘repouso’, a função harmônica correspondente é a da ‘**Tônica**’, termo de domínio que implica na ausência do ‘movimento’. No outro extremo, em contradomínio, que implica no abandono de um estado de ‘repouso’. Após uma cuidadosa e histórica observação sobre as características principais do ‘movimento’, estabeleceu-se a subdivisão em dois sub-movimentos. Um primeiro de ‘afastamento do repouso’, correspondente à função harmônica de ‘**Subdominante**’ e, um segundo de aproximação do repouso, correspondente à função harmônica de ‘**Dominante**’ ” (FREITAS, 2002, p. 10).

Essa condição, em alguns casos, funciona mais como nota de passagem¹⁴ do que como uma tensão harmônica. Contudo, no mais das vezes, ela acontece junto com a harmonia feita pela trompa, que toca a “tônica” e a “terça” (maior ou menor), ou a “terça” e a “quinta” (já que o baixo esta tocando a fundamental), e que pode acontecer no tempo, ou no contratempo.

Nos acordes de dominante, é comum o uso da sétima menor. Outras tensões são usadas como “notas auxiliares”¹⁵. É também comum o uso de “dominantes secundárias”.

Figura 32: Dobrado Sebastião Nunes, acorde maior com sexta: esse tipo de configuração rítmica do acorde de sexta é bem comum nos dobrados.
Arr.: Zezinho Nunes.

Fonte: arquivo pessoal.

¹⁴ A nota de passagem liga duas notas diferentes de um mesmo acorde (ou de dois acordes diferentes), através de um ou mais intervalos de segunda (maior ou menor; diatônica ou cromática). Entre essas notas (=sempre por grau conjunto=). A “nota de passagem” se apresenta sempre em posição métrica mais fraca que a(s) nota(s) do(s) acorde(s). Nunca se salta de uma “nota de passagem”, nem para uma “nota de passagem”.

¹⁵ Notas estranhas ao acorde, notas de ornamentação.

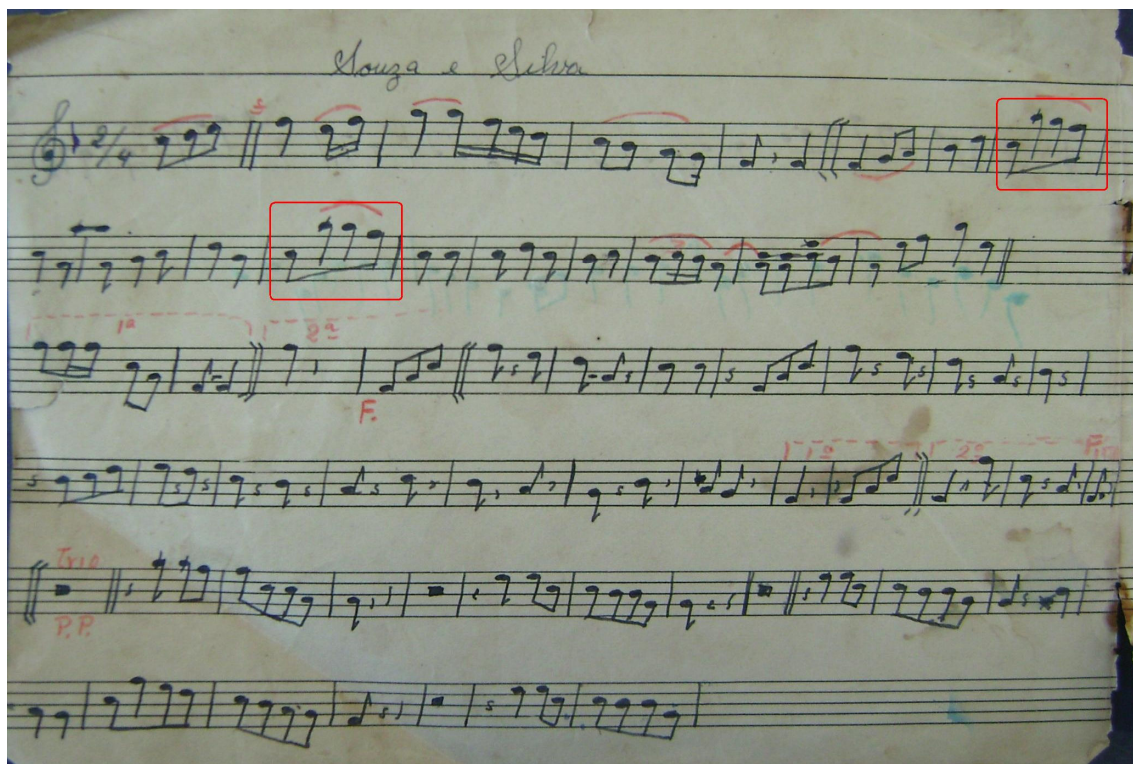


Figura 33: Dobrado Souza e Silva, acorde Maior com nona: esta é parte do barítono, que neste caso esta fazendo a melodia e também o contracanto, que se refere ao compasso selecionado, que pode ser considerado um acorde maior com nona. No caso F9. Dobrado Souza e Silva. Arr: Zezinho Nunes.

Fonte: arquivo pessoal.

4.3.5 Repertório

Quanto ao repertório, a maior parte das peças é constituída de dobrados. Também é comum no repertório da Estrela um grande número de peças populares, tradicionais e, peças de sucesso da época (peças que tocavam no rádio, televisão e em festas, ou seja, que estavam na mídia). Outra parte do repertório é dedicada a composições, que na maior parte das vezes é constituída de dobrados, que eram escritos para homenagear alguma data comemorativa, uma personalidade, uma figura folclórica, um ente, um amigo.

Encontrei diversas partituras de composições antigas, que provavelmente fizeram parte das primeiras formações da Banda, porém, a partitura mais antiga e devidamente datada e identificada é o dobrado 19 de Novembro, composição do seu Vadico de 1938 que, inicialmente, recebeu o título de Avante Orleanenses.

Seu Vadico ofereceu a composição para a Banda, que na época, dirigida provavelmente pelo Maestro Bernardino, não mostrou grande interesse pela peça. Seu Vadico, por sua vez, descontente com o desprezo do Maestro e dos músicos, recolheu todas as partituras.

Certa vez em uma de suas viagens a cidade de São Joaquim, mostrou a peça para a Banda Mozart Joaquinense, a qual ensaiou e acrescentou ao seu repertório. Após o ensaio, seu Vadico em conversa com o Maestro Leonel Porto, da banda da referida cidade, na mesa de um bar, respondeu a indagação do Maestro, conforme conta Rogério Pfützenreuter (em entrevista realizada pelo autor em abril de 2008):

- “ - Seu Vadico, mas qual o nome da peça?
- Que dia é hoje?
- 19 de Novembro.
- Então o nome da peça é 19 de Novembro.”



Figura 34: Dobrado Avante Orlanense, que veio a se chamar, 19 de novembro.

Fonte: arquivo pessoal.

Posteriormente, essa peça fez parte do repertório da Estrela do Oriente, já quando essa era dirigida pelo Maestro Zezinho, como mostra a figura abaixo, já com o título 19 de novembro.

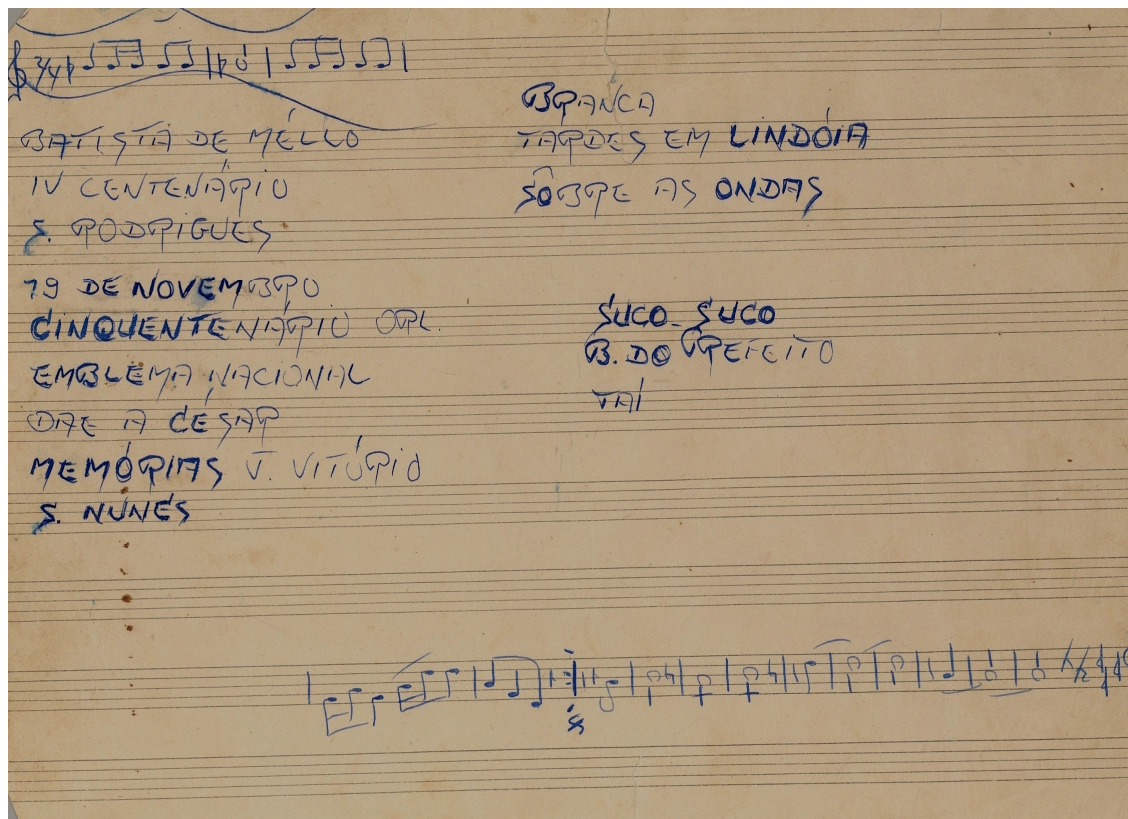


Figura 35: Repertório para apresentação I, elaborada pelo Maestro Zezinho: Batista de Mello: Dobrado; IV Centenário: Dobrado; 19 de Novembro: Dobrado. Composição do Maestro Vadico; Cinquentenário de Orleans: Dobrado. Composição do Maestro Vadico; Emblema Nacional: Dobrado; Dae a Cezar: Dobrado; Memórias de J. Vitório: Dobrado, composição do Maestro Zezinho; Sebastião Nunes: Dobrado, composição do Maestro Zezinho; Branca: Valsa de Zequinha de Abreu; Tardes em Lindóia: Valsa de Zequinha de Abreu; Sobre as Ondas: Valsa, música de J. Rosas; Suco Suco B. do Prefeito; Ta-Hi: Marchinha, música de Joubert de Carvalho. Todas com arranjos do Maestro Zezinho, com exceção do dobrado Cinquentenário de Orleans, que a composição e o arranjo é do Maestro Osvaldo Pfützenreuter (Seu Vadico).

Fonte: arquivo pessoal.

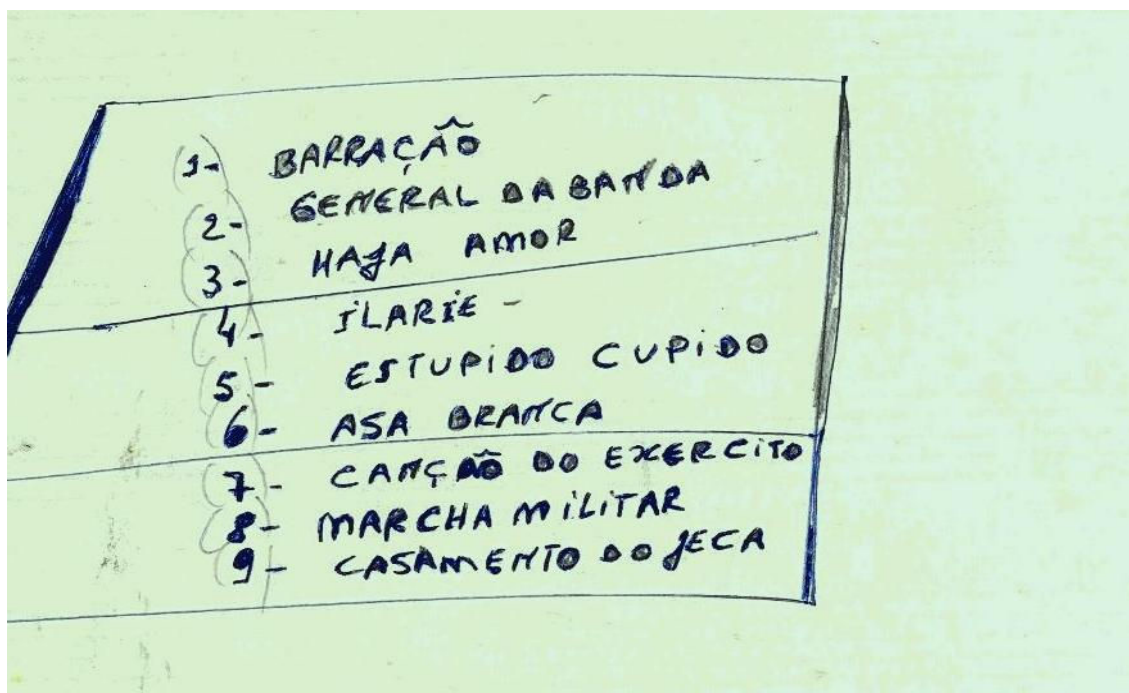


Figura 36: Lista de Repertório II, elaborada pelo Maestro Braz Cizesk, já com minha participação, em 1989: Barracão: Samba; General da Banda: Samba; Haja Amor: Marchinha; Ilariê: Infantil; Estúpido Cupido: Anos 60; Asa Branca: Baião; Canção do Exército: Dobrado; Marcha Militar: dobrado; Casamento do Jeca: Festa Junina.

Fonte: arquivo pessoal.

Grande parte dos arranjos e composições recuperados provém do meu arquivo pessoal.

Ainda criança, quando comecei, tinha um grande interesse pela Banda. Muitas vezes, quando a Banda retirava uma música do repertório, ou tocava pouco, ou ainda, se executasse de memória, os alunos abandonavam as partituras pelas estantes, mesas e armários, esqueciam, jogavam fora, e eu guardava todas as partituras, principalmente as manuscritas. Como expliquei anteriormente, queria ver como era a parte dos outros instrumentos, queria tocar. A minha parte era constituída de contracantos, queria ver a parte da melodia. Observava como o Maestro escrevia, copiava, para aprender a escrever. Tocava e examinava todas as partes, tentava escrever igual, inventar outros arranjos, ou transpor aquele arranjo para uma outra música, imitando a linha do baixo, ou o ritmo. Acredito que, daí, surgiu o meu interesse pelos arranjos, e devido a essa atitude consegui recuperar arranjos e composições que poderiam ter se perdido para sempre.

Outra parte das partituras, principalmente de períodos anteriores, foi recuperada com ajuda de músicos que participaram ou colaboraram com a Banda, e que guardaram algumas partituras, entre eles: Duílio Debiasi, Alberto Claumann, Rodrigo Nunes, Rogério Pfützenreuter, Willian Debiasi, entre outros.

5 CONCLUSÃO

Como consequência de diversos problemas de estrutura e de manutenção, assim como, também questões políticas, a Banda Estrela do Oriente interrompeu e reiniciou suas atividades por várias vezes, até a última paralisação em 1998. No entanto, curiosamente, no *site* da Prefeitura de Orleans, a Banda se encontra como atividade Cultural da cidade. Apesar de não haver nenhum órgão ou entidade com interesse pela recuperação da mesma, este fato demonstra que o poder público apresenta a Banda como uma realização política. Por outro lado, prova que está ciente de sua existência, faltando apenas um incentivo para reativá-la.

De acordo com os dados coletados da Banda Estrela do Oriente, pode-se catalogar um grande acervo de composições e arranjos, muitos de grande qualidade, e que em muitos casos, fazem parte da história da cidade.

Com a realização da análise dos mesmos, pode-se identificar uma linguagem utilizada pelos Maestros e Arranjadores. Essa linguagem era realizada com base na seguinte estrutura: melodia, contracanto, harmonia rítmica e baixo. Depois de estruturado, as vozes eram distribuídas de acordo com a instrumentação existente. Essa distribuição obedecia a certo padrão, submetido à característica de timbre e tessitura dos instrumentos.

Incentivados pela Banda, a cidade de Orleans abrigou vários músicos, letristas e compositores que tiveram grande participação no reconhecimento da cultura da cidade, os quais deixaram um grande número de marchinhas, sambas, marcha-rancho, valsas, dobrados, entre outras, que contam a história de Orleans e de personagens importantes da cultura e da sociedade local. Apesar de não possuir registros oficiais de parte desse material, as mesmas são ainda tocadas e conhecidas pela população, principalmente durante o carnaval. Porém é importante salientar que a falta de um estudo e de uma análise sobre os mesmos até então, resultou na ausência de conhecimento sobre sua existência, o que resultou na perda de grande parte desse material.

Devido a este fato, Infelizmente, algumas composições e arranjos se perderam, e nunca mais poderão ser recuperadas, sepultando assim parte da história da Banda, do município e de figuras que dela fizeram parte, e que, através da Banda, estiveram presentes nos momentos de glória, conquistas, perdas, dor, tristeza e alegria. Muitas vezes immortalizando personagens e acontecimentos da “cidade das colinas” através das composições para as mesmas dedicadas.

Através de tal pesquisa, o primeiro passo foi dado: consegui despertar o interesse da comunidade, da Prefeitura de Orleans, através da Secretaria Municipal de Cultura, e da Academia Orleanense de Letras, que manifestou a intenção de publicação e divulgação deste trabalho. O próximo passo seria reunir o poder público com a comunidade, com o objetivo de discutir e estabelecer as metas para a reorganização da Banda Estrela do Oriente.

5.1 SUGESTÃO PARA FUTUROS TRABALHOS

Finalizo, com algumas sugestões, para futuros trabalhos:

- a edição deste trabalho em forma de livro, para a publicação pela Secretaria Municipal de Cultura de Orleans, juntamente com a Academia Orleanense de Letras, para sua publicação;
- reestruturação da Banda Estrela do Oriente;
- restauração de todas as partituras originais e sua digitalização, para divulgação na comunidade como parte integrante da história da cidade e a possível utilização delas, como parte do repertório, no caso de reativação da Banda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBA, João Leonir Dall'. **Pioneiro nas terras dos Condes**. 1971.

ALMADA, Carlos. *Arranjo-método prático*. Editora da UNICAMP. Campinas, São Paulo. 2000.

BARROS, Guilherme Antonio Sauerbronn, **Hindemith e Fux: uma análise comparativa do *Gradus ad Parnassum* e *The Craft of Musical Composition***, em *Cadernos do Colóquio*. Vol. 1, N° 5, 2002.

Confederação Nacional de Bandas. Disponível em <http://www.cnbfb.org.br>. Consultado em 04 maio de 2008.

DOURADO, H.A. ***Dicionário de termos e expressões da música***. Ed 34. São Paulo. SP. 2004.

FREITAS, S.P.R. ***Harmonia e Contraponto*** 1. Florianópolis: não publicada. Departamento de música. UDESC, 2002.

GUEST, Ian. **Arranjo**. LUMIAR Editora. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Ed. 4. 1996.

JUTEL, Luiz Sebastião, *et al.* **Caderno de Choro**. Laboratório de ensino da área de fundamentos da linguagem musical. Florianópolis, 1º Semestre 2005. Não Publicado.

KENNEDY, Michael. **Dicionário Oxford de Música**. Publicações Donquixote, Lisboa. Ed. 4. 1994.

KIEFER, Bruno. **História da Música Brasileira – dos primórdios ao início do Século XX**. Porto Alegre Instituto Estadual do Livro. Brasília, Instituto Nacional do Livro. Col. Luiz Cosme v.9. 1976.

LACERDA, Osvaldo. **Teoria Elementar da Música**. Ricordi. São Paulo. Ed.10.1966

LOTTIN, Jucely. **Orleans 2000 – História e Desenvolvimento**. Editora ELBRET. Florianópolis, Santa Catarina. 1998.

MARIZ, Vasco. **História da Música no Brasil**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. Ed. 4. 1985.

PISTON, Walter Hamor,. **Orquestación**. Madrid: Real Musical. 1984.

POLK, Keit et al. *Band*. In: **Grove Music Online**. [s.l.]: Oxford University Press, [2001]. Disponível em: <<http://www.grovemusic.com>>. Acesso em abril de 2008.

RAHN, John. **Music Inside Out: Going Too Far in Musical Essays**, AMsterdam:G+B Arts International, 2001.

SALLES, Vicente. Sociedades de Euterpe: As Bandas de Música no Grão-Pará. Brasília: Ed. do Autor, 1985.

SCHOENBERG, A. *Tratado de Armonia*. Madrid: Real Musical. 1920.

ZAMACOIS, J. **Tratado de armonia**. III volume. Barcelona: Labor.1945.

ZAMACOIS, J. **Curso de Formas Musicales**. III volume. Barcelona: Labor.1975.

ZIMAN, J. M.. O conhecimento confiável: uma exploração dos fundamentos para crença na ciência. Campinas, SP: Papirus, 1996.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevistas com pessoas ligadas à Banda Estrela do Oriente.

Entrevistas:

As entrevistas foram feitas com o objetivo de resgatar e registrar fatos e acontecimentos históricos referentes à Banda Estrela do Oriente, que não estão documentados.

1 Entrevista com Braz Cizesk

Sobre a Questão Política

Quando eu cheguei a Urussanga, eu não tinha vínculo político, eu comecei uma banda, essa banda iniciou numa administração, num partido político. Quando a oposição venceu, ela rompeu, mas não rompeu com a banda e com o Maestro, terminou com o trabalho. Na verdade ela rompeu com o trabalho da administração anterior. Hoje as coisas estão mudando, a própria questão “ser político” esta mudando. A cultura esta mudando. Em Orleans não foi diferente, o que acontece? Lá tem uma banda com 20 elementos, dentro de uma administração ‘X’. Se nessa banda, a maioria tem vínculo com esse partido, é bem possível que ela continue, é o espírito de corpo, o corporativismo, então, de dentro pra fora ela consegue se mobilizar, e mobilizar a opinião pública para se manter. Mas se é ao contrario que ocorre, se é uma minoria desse partido, o prefeito termina, e essa mobilização não tem força, não tem esse corporativismo. Se um trabalho político ganha consistência, no caso de uma banda, uma escola, uma escola de esporte, se ela consegue conquistar a opinião pública, se a uma mobilização, é difícil mesmo com a troca de partido, que isso acabe. Nesse caso o que acontece? Troca-se o Maestro, se o Maestro estava vinculado ao outro partido, isso pode ocorrer. É sempre um drama, é sempre um problema a continuidade de um trabalho social, de um trabalho comunitário, é sempre um desafio que precisa se superar com as trocas de partidos políticos. Isso é uma realidade brasileira. Geralmente se troca o Maestro, professores, e botam pessoas de confiança. E por conta dessa troca, às vezes o trabalho acaba se enfraquecendo. Por quê? Porque quando o trabalho esta dando certo, geralmente, o que esta acontecendo, no caso específico da banda? Os músicos e o Maestro, quando esta dando certo,

geralmente esta havendo uma sinergia, esta havendo uma empatia e confiança entre os músicos e Maestro, quando o trabalho esta dando certo, é porque esta havendo certa harmonia, a gente chama de empatia e confiança, os músicos confiam no Maestro e mantêm por ele uma empatia e confiança, isso acaba formando um relacionamento. Na troca política, o partido não quer saber do maestro, porque manter o maestro a frente significa manter, e fazer *marketing* de um partido de oposição, porque ele representa politicamente o outro partido, ou pelo menos é identificado com o outro partido, então eles precisam tirar de cena. Nessa lógica política, não é mais importante o trabalho musical, mas sim o domínio político da situação. Os políticos, eles procuram trabalhar dentro da lógica política, não dentro da lógica musical, da lógica da cultura, da lógica da relação. Por conta disso, muitos trabalhos acabam e eles até querem manter o trabalho, mas manter vinculado a administração deles, pessoas que representem a administração deles. Um fato interessante é que esse vínculo, essa mania, essa prepotência, esta na cabeça do político, e não esta no profissional. O fato de você estar ali, trabalhando em uma administração, só esse fato, já é suficiente para que o partido que assume não queira mais você.

2 Entrevista com Alberto Claumann.

Alberto Claumann era trombonista da Banda.

Em que ano você começou na Banda?

R: Comecei, tinha mais ou menos 20 anos, pôr volta de 1957, por ai.

O maestro era o Zezinho?

R: É, o Zezinho sempre foi o Maestro. Eu lembro quando o Brasil foi campeão do mundo, estávamos tocando lá em Armazém.

E você começou no trombone?

R: Sim, foi sempre no trombone. Apesar de a minha vontade era de tocar clarinete. Eu admirava muito o falecido Êmone Mattei tocando clarinete.

Ele tocava na Banda?

R: Sim, na Banda antiqüíssima, eu era guri né.

Era antes do Zezinho?

R: Era bem antes do Zezinho.

Quem era o maestro nessa época?

R: Não lembro. O Jaci Moraes talvez saiba.

E os arranjos da Banda, era sempre o Zezinho que fazia?

R: A maioria era. O Altair Casces foi quem ensinou o Zezinho.

Ele, o Altair também regia a Banda?

R: Não, ele só ensinou o Zezinho. O Zezinho não tocava sopro, sempre tocou violino.

Mas ele tocava sax...

R: Sim, depois ele começou a tocar sax, mas antes era só violino.

E aquelas partituras antigas escrita com caneta de pena, quem escrevia?

R: A maioria era tudo o Zezinho, naquele tempo eu ajudava a copiar.

Você tem dessas partituras ainda?

R: Tenho algumas.

E o repertório, você lembra?

R: Naquela época a maioria era dobrada.

E o dobrado Sebastião Nunes?

R: Esse aí é do maestro da Banda de Lauro Muller, Celso Monteiro.

Tenho a informação que esse dobrado é de autoria do Zezinho, que escreveu em homenagem ao seu pai.

R: Ele fez em homenagem ao pai do Zezinho.

O Duílio falou que esse dobrado era do Zezinho...

R: Não, não, de jeito nenhum, é do Celso Monteiro da Banda de Lauro Muller.

Tinha algum dobrado do Zezinho?

R: Tinha vários, Vidal Pereira Alves, Pai Nunes, vários.

Você tem todas essas partituras?

R: Algumas.

E a música Alexandrina, lembra?

R: É composição do seu Altair Cascaes. É uma marcha religiosa, mas eu não tenho a partitura.

Mas você lembra da música?

R: Lembro mais ou menos.

E no cinquentenário de Orleans você também tocou?

R: Toquei claro.

Foi escrita uma composição para esta data?

R: Composição do seu Vadico.

E no carnaval, a Banda tocava?

R: Não, a gente tocava, mas era separado da Banda. No carnaval, quem tocava era eu, o Nenê Mattei e o Ire Santiago no clube 14.

3 Entrevista com Raulino Rocha, era trombonista da Banda.

Em que ano você começou na Banda?

R: O nosso começo da Banda mesmo, foi em 62 se não falha a memória.

E quem era o maestro nessa época?

R: Começamos com o Zezinho Nunes, o nosso Maestro, ai depois veio para colocar a Banda, a Banda na rua, o seu Altair Cascais, para comandar, para botar a Banda na rua, porque éramos todos os recrutas, todos os alunos, não sabíamos como proceder, e o Altair então deu uma mão, uma mão valiosa para nós, para encaminhar a Banda.

Altair Cascaes foi professor do Zezinho Nunes?

R: Sim, ele deu as coordenadas para o Zezinho.

Que instrumento você tocava na Banda?

R: Eu comecei na Banda com a trompa, e com o decorrer do tempo fui me aperfeiçoando na teoria e na pratica musical, ai passei da trompa direto para o pistom, nessa época tocamos na lira de Tubarão, o cinqüentenário da lira, eu já estava tocando pistom. Mais tarde eu passei para o barítono, depois eu passei definitivo para o bombardino, e ultimamente com essa última formação, para auxiliar os alunos passei para o Trombone, a nossa Banda parou no auge, estava com 27 figuras.

Na Banda antiga ou nessa última formação?

R: Na Banda antiga. Ai foi decaindo.

Em que ano a Banda parou?

R: Olha, eu acho que foi em sesseseeentaaaa, sessenta e oitooooo, lá pôr setenta e dois, setenta e quatro a gente já estava parando. Ai depois veio essa turma de novos né, músicos novos, e a gente entraram para dar uma reforçada. Veio o Braz de Urussanga, depois entrou um outro ai, não sei quem foi, ai depois o Zezinho se meteu, entrou e fez a nova Banda.

Era na época que o Plínio era Prefeito?

R: Eu acho que sim, na época do Braz, era o Luiz Croceta, depois foi o Plínio Galvani. Depois o Braz foi para Urussanga, desistiu, aí o Zezinho ficou no lugar do Braz. Aí depois tocamos até onde deu, a hora que nós paramos.

Ai veio o seu Nélio?

R; Aí depois veio o Nélio, para dar uma levantada na Banda, à Banda já estava quase acabada, estava demandada. Ele organizou de novo a Banda, tentou recuperar, mas não deu, ele ficou oito meses, a Banda estava boa, depois ele saiu e foi para a Banda de Tijucas.

E a Banda tocava onde? Quais os locais das apresentações? Na Banda antiga.

R: A Banda tocava diversas festas, tocamos duas festas em São Joaquim, tocamos em Timbé do Sul, tocamos em Santana, várias festas em Barro Branco - Lauro Miller, onde tinha a Banda Santa Bárbara, mas a nossa estava no auge, à Banda estava boa, tocamos em Gravatal, Armazém, em São José também tocamos.

Em todos esses lugares a Banda tocava em festas?

R: Tudo festa, festa de Igreja né, tocamos em diversos lugares. Até em setenta, nós estávamos em São Martinho, na copa do mundo que o Brasil ganhou, chegamos de madrugada atirando foguetes e a Banda tocando.

A Banda tocava em desfiles?

R: Desfiles Cívicos, sete de setembro, tocava o Hino Nacional, e vários dobrados.

E nas festas qual era o repertório da Banda? Você lembra?

R: Tocávamos maxixe, Dórinha, Coronel Bogey, dobrados: Paulo Reis, que era bem alto, o Plínio ficava até roxo quando tocava o dó lá em cima, ele tocava piston. Tinha o dobrado Silvino Rodrigues, Dois Corações, tinha o Brasil.

E quem fazia os arranjos era o Zezinho?

R: Sim, ele fazia os arranjos e o Beto copiava. Na entrada do Trio dos Dois Corações, eu que fazia, fiz uma inovação com três tempos, e aí deu certo, entrava o contrabaixo, os bombardinos, ficava uma coisa linda.

E todos tocavam por partitura?

R: Partitura, tudo partitura. Era um divertimento né Paulo, a saudade fica, o tempo passa, tinham muitos outros dobrados.

E tinha composições próprias?

R: Sim, e também pegávamos de outras bandas, inclusive da banda Cruzeiro do Sul, de Criciúma, o Beto copiava algumas partituras.

O Maestro era o seu Altair Cascaes?

R: Não, o Maestro era o Mestre Jacó, depois ficou o filho dele. Inclusive eu tinha um sax que eu comprei do Tafona que eu vendi para o neto do Mestre Jacó.

Você falou de um dobrado de autoria do seu Vadico.

R: O dobrado do seu Vadico é o dobrado do Cinquentenário de Orleans, e foi tocado no dia do cinquentenário, ensaiamos bastante.

Onde foi tocado?

R: Na rua mesmo, desfilando, mas era um dobrado lindo, e depois tinha uma valsa de autoria também do seu Vadico, Regina Célia, que era filha do falecido Vadico.

E aquele dobrado que foi feito em homenagem ao pai do seu Zezinho Nunes?

R: Esse foi o dobrado Sebastião Nunes, pai do Zezinho, também é um dobrado muito bonito, e tem também a música Alexandrina, que era a mãe do Altair Cascaes, ele fez essa música em sua homenagem, é uma música fúnebre. Tocamos essa música em enterros, tocamos o enterro do falecido

Osvaldo Finilli, foi de arrepiar. Tinha que ter muita coragem. A própria musica faz a gente chorar, traz alegria e tristeza.

O que mais a Banda tocava?

R: Tocávamos o Lá Bamba, tinha um samba que era bem difícil, complicado, tocávamos valsas, tocávamos musica para dançar, na época nós tocávamos lá em Armazém, a turma dançava ai então tinha que tocar toque de dança, musica para dançar, então fazíamos maxixe, sambas, valsas, ai a turma dançava que se acabava.

E no carnaval, tocavam?

R: Sim, tínhamos o conjunto né, mas era fora da Banda. Toquei o carnaval non 14, toquei diversos carnavaís, tocava bombardino e contrabaixo, tocávamos também em festas Juninas, tínhamos um conjunto, O Duílio, o Beto, eu, o Zezinho. Ai depois veio à turma do Tony Cascaes, com as musicas mexicanas. Tocamos um carnaval no Tênis que estava eu, o Ire, o Duílio, o Otto e o Beto.

E o seu Nico Durante?

R: Nico Durante, o Zezinho não aceitava, porque ele só tocava de ouvido, mas era um bom trombone, fazia uns contra cantos que eram um espetáculo, muito melhor do que nós. Era um grande trombone, o falecido Adolfo, o pai dele tocava bombardino, na época, quando teve o desfile de sete de setembro, vínhamos lá de cima do ginásio, e quando chegou aqui na praça, na frente da Igreja, estávamos fazendo um solo do Capitão Cassulo, eu estava no bombardino, na hora do trio fazendo o contra tempo, ele saiu chorando, foi para casa chorando, se emocionou, a emoção do falecido Adolfo Durante, ele tocava bombardino e tocava muito bem. O tempo passou.

Raulino, você acha que a Banda faz falta na Cidade?

R: Ah, a Banda é a alma da cidade, poderia existir ainda, mas infelizmente acabou.

Qual a sua data de nascimento?

R: 12/7/1938.

4 Entrevista com Clayton Debiasi

Nome completo?

R: Clayton Debiasi.

Qual sua data de nascimento?

R: 14/9/1973.

Com que idade você começou na Banda Estrela do Oriente?

R: Comecei na Banda com 12 anos, em 1984.

Começou por influência de alguém ou por vontade própria?

R: Eu sempre gostei de música, em casa tem o pai que sempre foi envolvido com música, tocava na Banda também, e vendo aquilo ali, eu acho que acaba criando uma vontade de experimentar aquele aparelho, aquele instrumento, de ver o som, então com certeza teve uma influência sim.

Que instrumento você tocava na Banda?

R: Trompete, sempre foi o trompete, sempre que eu via as bandas, o destaque que tinha o trompete, o som mais alto, me chamou a atenção e eu o escolhi.

Quando você começou quem era o maestro da Banda?

R: O seu Vadico.

E onde era a sede da Banda?

R: As aulas aconteciam em uma salinha em cima do Sindicato Rural de Orleans, ao lado da Rádio Guarujá.

Tinha muitos alunos?

R: Nessa época acredito que deveria ter entre 20 e 25 alunos.

Nessa época a Banda possuía instrumentos para todos os alunos?

R: Eu lembro que a gente começou as primeiras semanas e nem instrumento tinha, a gente não via os instrumentos. Tinha as aulinhas com o professor Vadico de música, de partitura, o que era música.

Como era o processo pedagógico do seu Vadico?

R: Ele passava, ele fazia o desenho das linhas e das notas no quadro e ia explicando para gente: os compassos, as notas, formação de uma música como é que era.

Nessa época como era a estrutura da Banda?

R: Como eu falei as primeiras semanas que começou a Banda eles falaram ó, os instrumentos vão chegar, os instrumentos vão chegar, e a gente ficavam sós nas aulas teóricas, mas logo os instrumentos apareceram. Então o ânimo foi ainda maior.

E quanto tempo a Banda foi regida pelo seu Vadico?

R: Acho que foram uns oito meses.

Mas nesse período a Banda chegou a se apresentar?

R: Chegou a ter uma ou duas apresentações, que a gente fez na frente da Igreja, tocando duas ou três músicas.

Lembra as músicas?

R: Não consigo lembrar. Uma coisa que eu lembro é que a gente tocava e ganhava laranjinha (refrigerante), era tudo criançada, depois da apresentação ganhava coxinha, laranjinha, ficava todo mundo contente.

Depois do seu Vadico, quem dirigiu a Banda?

R: Depois foi o Braz, aí foi mais intenso, foi um tempo mais longo, apresentações constantes. A Banda ficou maior, mais pessoas entraram.

Lembra do repertório?

R: Especificamente os nomes, tinha o Entupido Cupido, Uma Odisséia no Espaço, algumas músicas populares da época, isso eu lembro, músicas que estavam fazendo sucesso na época, era adaptada, ele fazia o arranjo, e a gente tocava. Muitos em vez de vê as notas na partitura escreviam o nome delas em cima.

Até quando o Braz foi o Maestro da Banda?

R: Acho que até 1988.

E depois?

R: Em 1989 houve uma retomada da Banda com o Maestro Zezinho Nunes.

Como era a estrutura da Banda nessa época?

R: Na época do Braz a Banda já tinha uma estrutura melhor que a anterior, tinha uma sede apesar de ser uma casa bem velha, era só para a Banda, era atrás da rádio Guarujá. Na época do seu Zezinho a gente ganhou uma sede nova, instrumentos, uniformes, a Banda recebeu um grande investimento, a Banda teve dois saltos, na época do Braz e do Zezinho.

E o processo pedagógico do seu Zezinho, como era?

R: O seu Zezinho era mais técnico, com toda a certeza, tinha aqueles momentos que parava todo mundo, ia pro quadro e explicava a música pra todos e não individual, tinha que ler partitura, não tinha mais esse negócio de escrever o nome das notas. E ele sempre ficava a disposição na Banda para ensinar, ensaiar dúvidas e tirar.

A Banda se apresentava muito?

R: Tínhamos bastantes apresentações.

Em que eventos a Banda tocava?

R: Tocava de tudo na época, festas de Igreja, inaugurações, mas principalmente festas de Igrejas do Interior, isso eu lembro que tinha bastante, a gente ia muito pros interiores. A gente tocava todo Domingo em frente à Igreja Matriz na praça, depois avia uma confraternização com os músicos e pessoas ligadas à Banda.

A gente tocou em vários festivais de Banda também, eu lembro que me marcou muito foi o Festival de Santo Amaro da Imperatriz, esse foi muito legal porque foi um festival grande. No final os músicos de todas as bandas participantes se uniram em desfile pelas ruas da Cidade tocando o dobrado Canção do Exército e o dobrado Dois Corações, tinha mais de 800 músicos, foi muito legal.

E quanto ao repertório?

R: Lembro que sempre tinha músicas populares da época, eram feitos arranjos para Banda.

Você não seguiu a carreira de músico?

R: Não, de forma profissional não.

Mas você acha que na sua formação, na sua educação o ensino musical foi importante?

R: Com toda a certeza absoluta, não só na educação como na formação de caráter, a música pra mim é uma forma de educar que só ela tem, pra mim, um tipo de educação que todas as pessoas, quer dizer, uma linha de educação que todas as pessoas deveriam ter, e sem a música isso não existe, então eu quando tiver filhos, eu com certeza, desde pequeno eu vou colocar pra estudar música, pra tocar algum instrumento, porque isso desenvolve todos os sentimentos dentro de uma pessoa de uma forma diferente do que se trabalhar de uma outra forma que não seja a música, claro que outras coisas não deixam de serem importantes, são importantes sim, mas a forma como a música trabalha, não tem nem um outro tipo de atividade que desenvolve as pessoas

dessa forma, então com toda a certeza a música teve influência muito importante.

Então você acha que a Banda era importante para Cultura e para a Sociedade de Orleans?

R: Com certeza, não só para quem estuda música, pra quem tocava, mas também para quem assistia. O prazer que a música leva para o povo, para quem está assistindo é muito bom.

Você acha que a Banda faz falta na Cidade?

R: Para todas as cidades a Banda faz falta, acho que todas as cidades deveriam ter pelo menos uma banda.

Orleans é tradicionalmente conhecida por Cidade da Cultura, há várias manifestações culturais, no entanto a Banda Estrela do Oriente está desativada, em sua opinião por que a Banda foi desativada, e por que não há uma tentativa de reativar a Banda?

R: Eu acho que em quanto a Banda for vinculada à questão política, sempre vai acontecer isso, altos e baixos, enquanto haver interesses políticos vai ter momentos que vai estar em alta e momentos que vai estar em baixa, para começo de história acho que o pensamento dos políticos em termos administrativos deveria ser outro em relação à Banda. A Banda é um patrimônio do Município independente de política, independentemente de quem passar pela administração, a Banda está lá, como as escolas municipais, postos de saúde, secretarias, teria que ser uma coisa fixa, independente de questões políticas. Tem que ser um negócio constante.

Você acha que Orleans teria todas as condições de manter a Banda?

R: Sim, com absoluta certeza, Orleans tem um histórico musical muito forte, e tudo que se tem histórico acaba tendo facilidade para ser retomado, e para dar continuidade, e para ter sucesso e assim por diante.

Como você vê a situação da Cultura de Orleans hoje em dia?

R: Faz muito tempo que eu não to lá, mas vou para lá constantemente, acredito pelas informações que tenho que pouco se faz, pouco acontece lá em Orleans realmente, existem claro, vertentes de Cultura que são muito fortes, na parte da Literatura é bem evidente, tem organização, vive independente ou não de órgãos municipais, mas na questão de música que é mais ligada com o teu trabalho, hoje para mim está zero, zero mesmo, senão negativo, acho até que está no negativo, só não está no negativo porque tem manifestações de bandas de garagem, há varias bandas surgindo lá, isso nunca se acabou lá e isso é uma forma de Cultura musical também, Mas música como eu via antigamente, a Banda Estrela do Oriente principalmente, e festivais de música em Orleans muito fortes, que era famoso no Estado de Santa Catarina, o “Festival da Canção” de Orleans, isso não tem mais já faz muito tempo. Até antes de acabar a Banda já havia acabado os festivais de música.

ANEXO

ANEXO A – Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente de quatro de abril de 1957

Termo de abertura

Servirá o presente livro, para escrituração das atas da Sociedade Musical "Estrela do Oriente", contendo cinquenta folhas, todas tipograficamente numeradas e com a rubrica Termo, que faço uso.

Oitavos, 4 de Abril de 1957.

por Enrique da Silva

Figura 1: Capa da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente de quatro de abril de 1957.

Fonte: arquivo pessoal.

Ata da reorganização da Sociedade Musical "Estrela do Oriente"

Às dezoito horas do dia quatro de abril do ano de mil, novecentos e cinquenta e sete, na casa comercial do senhor Plínio Verane, reuniram-se os senhores José Evaristo Nunes, Plínio Verane, Dom Alberto Barbaes, Aristides Zomer, José Brígido Figueiró, Lauro Flaugins, Guido Alberto Rizzolatti, Aldemar Rizzolatti, Toldoni Mattei, e, João Zomer. Usando da palavra o senhor José Evaristo Nunes, dizendo da finalidade da presente reunião, esclareceu que por informações de pessoas idosas, afirma-se há mais de trinta anos que conta com a Sociedade Musical "Estrela do Oriente" a qual, infelizmente por motivos que lhe são desconhecidos, caiu em completa decadência, nada mais se sabendo dos bens moveis e imóveis, bem como, instrumentais etc. sabendo entretanto que há cerca de cinco anos aproximadamente o comércio em geral colaborou com o Padre Paulo Hobold, na aquisição de instrumentos diversos os quais depois de varios empréstimos por que passaram sabe-se da existência dos seguintes:- 1 contrabaixo tuba; 2 trombones; 2 trompas; 2 pistons; 2 clarinetas; 1 bombo; 1 caixa surda; 1 caixa clara e um bombardino, sabendo-se ainda que dos instrumentos antigos, resta apenas um par de pratos timbais; por iniciativa do sr. Plínio Verani, iniciou-se a busca dos instrumentos supra relacionados, constatando-se que os mesmos existiam e estavam em poder do padre Santos Apicigo, o qual, sabedor da finalidade, prontamente os entregou ao sr. Plínio Verane, os quais aqui se encontram. Continuando com a palavra o sr. José E. Nunes, reconhecendo a injustificável falta do reagrupamento da velha Estrela do Oriente e que neste momento convida todos os presentes a comporem

Figura 2: Página 1 da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente em quatro de abril de 1957.

Fonte: arquivo pessoal.

nova diretoria afim de levantar a já tradicional entidade musical, pondo-se todavia ao inteiro dispor, dentro de suas possibilidades a colaborar com seus poucos conhecimentos musicais a bem da sua querida Qilene. Ao terminar, suas palavras foram grandemente apoiado pelos presentes que por suas vees prometeram colaborar sem por cento com seu empendimento. Usando da palavra o sr. Plinio Krane, disse que não poderia deixar de aplaudir e colaborar com tão grande empendimento, prontificando-se a prestar todos os seus esforços para alcançar tão brilhante objetivo, pois este sempre foi o maior sonho de seu velho e falecido pai. Apartado pelo sr. Ivan Alberton Bascaes pelo mesmo foi dito que Luiz Krane, foi o grande baluarte da musica nesta terra e sócio-fundador da tradicional Banda Musical Estrela do Oriente, pedindo em seguida que constasse em ata um voto de louvor ao tão inesquecível musico e verdadeiro estêio daquela entidade. Retomando a palavra, depois de formular agradecimentos ao tocante ao seu querido pai, pediu ao sr. José B. Nunes, liberdade para indicar os componentes da nova diretoria o que lhe foi concedido tendo em seguida apresentado aos presentes a seguinte relação: - Para Presidente José B. Nunes; Vice - Plinio Krane; 1º Sec. Ivan Alberton Bascaes; - 2º Sec. Aldemar Pizzolatti, 1º Tesoureiro Aristides Zomer; 2º Lauro Flauzino; - Quadra Goldoni Matter, Arquivista João Zomer. Pelo sr. Presidente foi dito que "aceitaria de bom gosto" a indicação e reafirmou tudo fazer para o bom êxito e desempenho de seu cargo, o que também foi dito por todos os demais relacionados. Usando da palavra o sr. Ivan Alberton Bascaes, pelo mesmo foi dito que, sensibilizado com

Figura 3: Página 2 da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente em quatro de abril de 1957.

Fonte: arquivo pessoal.

a sua indicação e acitação da qual muito se honra, tudo fará juntamente com seus colegas conceituando-os ainda no sentido de que este sonho de fato se torne realidade. O Sr. Presidente eleito, propôs uma mensalidade de R\$ 10,00 (dez cruzeiros) aos sócios, designando para tal, não só o Sr. secretário, como também todos os da diretoria para angariar sócios, afim de formar um quadro social de muito, proporcionando destarte, meios pelo qual possa esta sociedade alugar uma sala para ensaios e custear despesas diversas. Propondo ainda a venda de ações num total de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros) dividindo-se as mesmas da seguinte forma; 300 ações de duzentos cruzeiros e 200 ditas de cem cruzeiros, afim de satisfazer compromissos diversos que exigir. Pondo em votação, foi unanimemente aprovado. Depois de oferecida a palavra sem que dela ninguém quizesse fazer uso, o Sr. Presidente marcou o dia sete de maio proximo vindouro para outra reunião extraordinária, agradecendo todavia a boa vontade e colaboração de todos os presentes. E nada mais havendo a tratar vai, por fim, 1º secretário eleito assinada: *Flavio Pizzolatti*, com os demais presentes:

— Presidente: - *João Evangelista*
Vice " : - *Flavio Pizzolatti*
1º secretário: - *Flavio Pizzolatti*
2º *Edmundo H. Pizzolatti*
1º Tesoureiro: - *Antônio Zomer*

Figura 4: Página 3 da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente em quatro de abril de 1957.

Fonte: arquivo pessoal.

**ANEXO B – Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente em
quatorze de julho de dezembro de 1984**

Cta da Reunião da Sociedade Musical Estrela do Oriente.

Aos quatorze dias do mês de dezembro de um mil novecentos e oitenta e quatro, às vinte horas e quinze minutos, na sede da Comissão Central dos Festos do Centenário de Orleans, anexo à Câmara Municipal de Vereadores, situada à rua XV de Novembro, número doze, nesta cidade de Orleans, por convocação do prof. Jaime Tabadini, presidente da Comissão Central dos Festos do Centenário de Orleans, e da Sra. Kátia P.N. Vargas, Secretária Executiva da C.C.F.C.O., reuniram-se os membros da Diretoria da Sociedade Musical Estrela do Oriente, demais membros da referida Sociedade, inúmeros populares e o Sr. Prefeito municipal Luiz Procetta. Abriu os trabalhos, o senhor Presidente da C.C.F.C.O. expôs, aos presentes, os motivos que levaram à convocação desta reunião, dizendo, de imediato, que a necessidade deste encontro prende-se à reativação da Sociedade Musical Estrela do Oriente, especialmente por estarmos vivendo o Ano-lúceno da história de nossa Colonização, onde inúmeros são os eventos programados que necessitam a presença de uma Banda Musical, para melhor abrilhantar os festos. Cte. contínuo, após estas considerações a palavra foi passada ao senhor Adelar Carboni Bilrelatto, Presidente da Sociedade Musical Estrela do Oriente, o qual convidou o Senhor Alberto Churman, Secretário da referida Sociedade, para secretariar os trabalhos. Efetuou-se a leitura da Ata da última reunião, sendo aprovada. Dando prosseguimento, o senhor Presidente Adelar enunciou a dedicação da C.C.F.C.O. em estimular os movimentos culturais de nossa terra, dizendo-se disposto a lutar pela reativação da nossa "Immemorial".

Figura 10: Página 1 da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente em quatorze de julho de dezembro de 1984.

Fonte: arquivo pessoal.

Banda", sendo esta disposição manifestada pelos demais membros da Diretoria e Componentes. Então, passou-se à discussão do local para os ensaios, sendo colocado pelo Senhor Prefeito Municipal que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Orleans, por intermédio de seu Presidente Camilo Büssolo, coloca uma sala à disposição, desde que seja terminada a construção (acabamento), entretanto, o Senhor Presidente da Sociedade sugeriu que fosse aproveitada a sala situada nas dependências da Quadra de Esportes Frei Galvão Zimer, que já havia sido colocada à disposição, desde a gestão do Prefeito anterior, Sr. Edgard Zimer; sendo também levantado a hipótese, pelo Sr. Badislau Borges, de voltar a funcionar na antiga rede, ou seja, na sala onde atualmente está instalado o arquivo da Prefeitura Municipal. Após estas colocações, decidiu-se que o Senhor Presidente Adolar e o maestro Osvaldo Plizewreuter ficariam encarregados de escolher o melhor local e apresentá-lo ao Senhor Prefeito Municipal Luiz Crocetta, o qual providenciará possíveis reparos e/ou melhorias que se fizer necessário. Na sequência da reunião, foi discutido sobre a possibilidade do credenciamento da Sociedade Musical Estrela do Oriente junto à FUNARTE, porém, há necessidade de se obter o Cadastro Geral dos Contribuintes, urgentemente, ficando decidido que o Senhor Presidente Adolar, amanhã mesmo, irá procurar o contador Luiz Carlinatti e providenciará a documentação necessária e na segunda-feira o prof. Jaime Caladini irá junto à Delegacia da Receita Federal de Criciúma para obter a desejada inscrição no C.G.C. Quanto à filiação no Instituto Nacional de Música - MEC/FUNARTE, será encaminhada a petição por intermédio da Sociedade de Amigos de Orleans, que tem na Presidência o

Figura 11: Página 2 da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente em quatorze de julho de dezembro de 1984.

Fonte: arquivo pessoal.

31/

Conterrâneos e entusiasta pelas melhorias culturais de nossa terra, Dr. Genésio Magon. Ficou decidido também que uma vez obtido tal credenciamento será formulado o pedido dos instrumentos, junto a F.U. Norte, uma vez que há condições de se conseguir a aquisição com preços especiais, isto é, trinta por cento abaixo do preço de fábrica, segundo contatos mantidos pelo Dr. Genésio, com o setor competente da Funarte. Então, em ato contínuo, passou-se a compor a relação de instrumentos necessários para o ideal funcionamento da Sociedade Musical Estrela do Oriente, ficando assim a lista dos instrumentos: - dois contra-baixas (tuba) si bemol; dois saxofones, sendo um si bemol e outro mi bemol; um bombardino; quatro trombones de pistão dó; três pistões si bemol; quatro clarinetes si bemol, duas trompas; um requinta mi bemol; um bumbo; um tambor - surdo; duas caixas de rufos; um par de pratos; dois pandeiros; um chocalho; um apofche; um reco reco; um triângulo sendo definido que todos os instrumentos devem ser adquiridos numa mesma fábrica. Na sequência dos trabalhos, a palavra retornou ao prof. Jaime Paladini, o qual ratificou a disposição de servir, a toda causa que diga respeito ao engrandecimento da cultura popular de nossa gente, ao mesmo tempo que deposita toda confiança nos senhores membros componentes da Sociedade Musical Estrela do Oriente, ela que tanta glórias tem dado à nossa querida Orleans Centenária; finalizando a reunião externou os agradecimentos a todos os presentes e ao mesmo tempo, solicitou-me que lavrasse a presente ata, a qual após lida e aprovada será assinada por todos os presentes. Orleans, 14 de dezembro de 1984.

Figura 12: Página 3 da Ata de reorganização da Banda Estrela do Oriente em quatorze de julho de dezembro de 1984.

Fonte: arquivo pessoal.